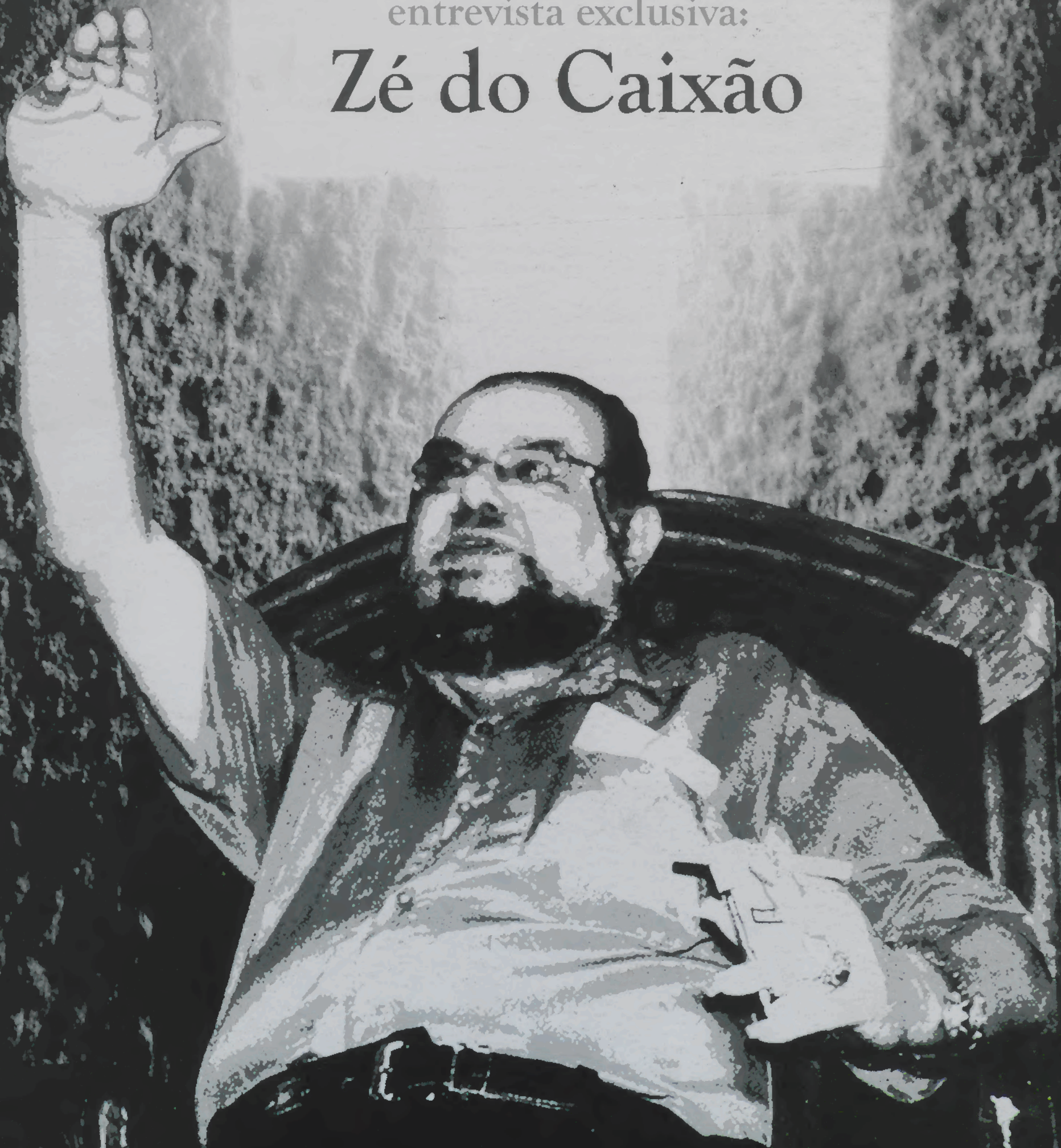


**três por quatro**  
morte

entrevista exclusiva:  
**Zé do Caixão**



## O semestre com vocês valeu a pena

Quando esta turma escolheu o tema morte, fiquei preocupado. De início não conseguia pensar em pautas que pudessem estabelecer algum tipo de diferencial em relação ao que lembrava de já ter lido sobre este assunto. Não imaginava como seria a capa. Fiquei imobilizado. Mas, como a idéia é a de permitir aos alunos, quase em final de curso, o exercício de criação, pensei que não seria um crime se minha contribuição ficasse limitada.

Uma preocupação ainda mais angustiante se colocou quando comecei a pensar que possibilidades o tema oferecia em termos de entrevista central. Tentando encontrar respostas às futuras observações críticas, diante de um exemplar do 3x4 que não mantinha o padrão dos anteriores, passei a imaginar que nem sempre seria possível realizar o melhor.

Este exemplar do jornal, novamente, acabou se tornando um grande exercício de criação. Um verdadeiro laboratório. Não estou me referindo apenas ao aprendizado por parte dos alunos. Como coordenador-editor realizei um semestre rico. Esta turma deu uma demonstração de que jornalismo é possível quando exercido por vocação. É preciso também ter sorte. Por sugestão de alunos de uma outra disciplina, chegamos à idéia de uma entrevista central com o cineasta Zé do Caixão. Coloquei o material que tinha sobre ele nas mãos de alguns alunos, como forma destes estarem preparados para entrevista. E não é que ele veio a Porto Alegre. Esta entrevista é exclusiva. O tema central é a morte. Teve a duração de uma hora e meia a partir da meia noite, único horário que ele tinha disponível.

Não por formalismo ou sentido burocrático, mas preciso, mais uma vez, agradecer a estes jovens o convívio, a oportunidade de me permitirem o prazer de ainda exercer a profissão de jornalista. Os que tiveram uma atitude de atenção, tiraram de mim muitas observações e indicações.

O semestre com vocês valeu a pena. Mesmo 15 anos depois de ter ingressado na Fabico e não ter mais nenhuma ilusão de que aqui se ensina jornalismo. Não percam de vista de que jornalismo é subverter, na procura das diferenças onde (aparentemente) só existam semelhanças; e, por outro lado, semelhanças onde (aparentemente) só existam diferenças.

Wladimir Ungaretti  
[ungaretti@orion.ufrgs.br](mailto:ungaretti@orion.ufrgs.br)

## O suave contato com a morte

Falar da morte sem jogar toneladas de maus pensamentos nas costas dos leitores foi a principal preocupação da turma ao escolher o tema de mais uma edição do jornal 3x4. Buscar pautas possíveis de apuração, no entanto, foi o grande desafio. A morte lida, por muitas vezes, com lembranças e sentimentos pessoais, fortes, pesados, circunstâncias que, normalmente, tentamos esquecer.

Ao ter em mãos o resultado final de um semestre de trabalho, ficamos felizes em apresentar abordagens variadas sobre "a única certeza de nossas vidas". Diferentes pontos de vista convergem para uma verdade descoberta apenas com a reunião de todo material: não é tão difícil tratar do assunto. Falar da morte pode ser, até mesmo, um bom exercício de crescimento pessoal. O 3x4 que entregamos aos leitores traz histórias e discussões importantes. Luto, assassinatos, poesia, dor, a morte em suas mais diferentes manifestações.

José Mojica Marins, que carrega a alma presente do Zé do Caixão, proporciona, sem dúvida, uma das melhores entrevistas possíveis sobre o tema da morte. Entre histórias pessoais e cinema de terror, Marins expõem sua concepção de morte e, de quebra, nos diz também o que Zé do Caixão pensa sobre o assunto.

O projeto gráfico foi elaborado e executado com o objetivo de prender o leitor ao texto. Um trabalho árduo que buscou tornar leves as imagens que, cruas, podem parecer agressivas, trágicas, tristes, melancólicas.

Ficamos felizes pelo trabalho realizado. Reuniões de pauta com discussões acaloradas, seguidas dos trabalhos de apuração, redação e edição, nos coloram um pouco mais próximos do que sonhamos para nossas vidas dentro do jornalismo.

Aos leitores, desejamos a melhor apreciação possível do que reunimos, na certeza de que a morte pode ser desvendada, em certa medida, ao cruzarmos os olhos pelas páginas que seguem.

Conselho Editorial

## Expediente

### Conselho Editorial

André Schröder ([schroder.andre@gmail.com](mailto:schroder.andre@gmail.com)), Bruna Maia e Leonardo Klück

### Redação

Álvaro Bueno, Ângela Chagas, Arthur Alencastro Puls, Bruna Maia, Fernando Barreto Vianna Russowsky, Flávia Moraes, José Antônio Dutra Leal, Julia Aguiar, José Antônio Dutra Leal, Laura Queiroz, Leonardo Klück, Leonardo Mazzarolo, Luís Eduardo Tebaldi Gomes, Marcelo Miranda Becker, Raquel Hirai, Raquel Sander, Rodrigo Luiz Vianna, Sidney Alves de Assis e Thiago Reck.

### Colaboração

Pedro "Manga" Aguiar

### Projeto Gráfico

Marcelo Armesto dos Santos  
[marceloarmesto@gmail.com](mailto:marceloarmesto@gmail.com)

### Diagramação

André Fernando Schröder, Leonardo Klück, Marcelo Armesto dos Santos

### Revisão

André Schröder, Bruna Maia, Leonardo Mazzarolo, Marcelo Miranda Becker ([marmelobecker@gmail.com](mailto:marmelobecker@gmail.com))

### Orientação

Wladimir Ungaretti

### Impressão

Gráfica UFRGS

### Imagens

[www.sxc.hu](http://www.sxc.hu)

inverno 2007



# ÍNDICE



Arthur Puls	
<b>O ÚLTIMO ATO .....</b>	<b>04</b>
Flávia Moraes e Raquel Hirai	
<b>ENTRE A MORTE E O SEPULTAMENTO .....</b>	<b>05</b>
Luis Eduardo Gomes	
<b>QUANDO A VIDA PERDE FORÇAS .....</b>	<b>06</b>
Álvaro Bueno	
<b>LUTO NECESSÁRIO .....</b>	<b>08</b>
Laura Queiroz	
<b>A POLÊMICA SOBRE A PENA DE MORTE .....</b>	<b>10</b>
Raquel Sander	
<b>NÃO SE PUBLICA, MAS SE DISCUTE .....</b>	<b>11</b>
Ângela Chagas	
<b>ELES MORREM PELA VIDA .....</b>	<b>12</b>
Pedro Aguiar	
<b>SURFISTA DE ONDAS GRANDES .....</b>	<b>13</b>
Leonardo Mazzarolo	
<b>A MORTE DE UM SÍMBOLO .....</b>	<b>14</b>
Sidney Alves de Assis	
<b>UM ADEUS COMO A GENTE .....</b>	<b>16</b>
Rodrigo Vianna	
<b>SOB O OLHAR DOS POETAS .....</b>	<b>18</b>
Bruna Maia	
<b>POLÊMICO, OBSESSIVO E MÓRBIDO .....</b>	<b>20</b>
José Antônio Leal	
<b>OBCECADOS PELA MORTE .....</b>	<b>22</b>
Fernando Barreto	
<b>É O FIM? .....</b>	<b>23</b>

# O Último Ato

Arthur Puls

sorindafabico@gmail.com

Longe de crenças que avaliam e conjecturam sobre o fenômeno da morte e seus desdobramentos, a ciência da morte é bastante pragmática: o corpo pára de funcionar e aquilo que chamamos de vida tem suas atividades encerradas por completo. O diagnóstico da morte biológica não gera dúvidas. Ou estamos vivos, ou estamos mortos.

O corpo fica imóvel como um boneco. Esfria pela ausência de metabolismo. São os resultados imediatos mais conhecidos no corpo quando morremos. Mas, afinal, o que acontece enquanto saímos da vida para entrar na história?

É considerado biologicamente morto um organismo cujas atividades cerebrais, respiratórias e circulatórias cessaram de forma total e permanente. A chamada morte clínica é aplicada nos casos de encerramento irreversível de alguma dessas atividades, sendo considerada legalmente como morte. Uma pessoa clinicamente morta já está apta a ter os órgãos doados. O procedimento de separação cirúrgica dos órgãos deve ser feito com a maior velocidade possível.

Um exemplo famoso de morte clínica foi a do piloto Ayrton Senna, declarado morto assim que as atividades do seu cérebro acabaram, enquanto o coração e o pulmão eram mantidos em atividade com a ajuda de aparelhos.

Após a morte, imediatamente, ocorrem fenômenos como perda de consciência, insensibilidade sensorial – os sentidos param de funcionar –, dilatação das pupilas e perda de tônus muscular – o estado normal de tensão –, dando ao rosto do recém falecido uma “face da morte”. Além disso, os músculos do tipo esfíncter relaxam, a retina tem sua circulação sanguínea estancada e a córnea fica opaca.

## Sinais de Morte

Segundo a literatura médica, cinco sinais apontam o fim da vida. O *pallor mortis* é o empalidecimento provocado pela ausência de circulação, que, por ser muito imediato, não costuma ser tratado como indicativo definitivo de morte, visto que ainda é possível reanimar o indivíduo.

O *algor mortis* consiste no resfriamento do corpo, que esfria até sua temperatura igualar-se com a do ambiente. Apesar de não ser uniforme, a medicina aponta que o esfriamento é, em média, de 1,5°C por hora.

O *rigor mortis* é o sinal advindo de uma alteração química nos músculos, que causa o endurecimento dos tecidos, impossibilitando sua manipulação. Tal característica começa a ser percebida cerca de três a quatro horas após a morte. Um relaxamento dos músculos ocorre cerca de 36 horas depois.

O *livor mortis* é a alteração da cor da pele e das mucosas do corpo. A força da gravidade age sobre as células sanguíneas, puxando-as em direção ao chão. A presença dessas descolorações é o indicativo de que a reanimação cardiopulmonar já não é mais possível. Peritos criminais observam essa característica para determinar se houve alteração em cenas de crime. Se um corpo é encontrado de barriga para baixo, por exemplo, mas a coloração está nas costas, significa que a pessoa morreu de barriga para cima, tendo sua posição alterada posteriormente.

Por fim, a decomposição é a transformação do cadáver em matéria mais simples. É causada pela atuação de enzimas do próprio corpo e por agentes externos, sendo, no segundo caso, chamada de putrefação.

## O Prazer da Morte

Apesar do caráter tétrico dado à morte na cultura ocidental, há quem afirme que chegamos a sentir prazer no momento em que perdemos a vida. “Tem a ver com a liberação de dopamina e serotonina que ocorre no momento da morte”, diz o estudante de Biologia da UFRGS, Douglas Engelke.

Segundo Engelke, algumas pessoas que o escutaram discorrer sobre o fato têm dificuldade em acreditar, mesmo tratando-se de “uma verificação, não de uma hipótese”. “São pessoas que não acreditam muito na ciência”, afirma Douglas.

O que acontece após a morte é uma questão que ainda não encontra consenso no meio científico. Existem duas correntes principais quanto ao assunto: uma defende que a consciência não tem origem física e apenas usa o corpo para se expressar. As experiências de “quase-morte” são utilizadas para defender esta posição. A outra corrente afirma que a consciência é resultado de fenômenos bioquímicos, sendo uma expressão fisiológica do cérebro.

Como ainda não há prova experimental definitiva nenhuma das correntes, a crença em vida após a morte ou em fim absoluto será apenas e tão somente uma crença.

# Tratamento de corpos: entre a morte e o sepultamento

Flávia Moraes e Raquel Hirai  
flaviamoraess@gmail.com - raquel.hirai@gmail.com

Seja qual for o motivo e a circunstância, a notícia da morte de uma pessoa querida sempre causa impacto e dor. Entre lágrimas, burocracia e convites para a despedida, amigos ou familiares precisam assumir as responsabilidades que envolvem o sepultamento. Desnorteados, desconhecem que o corpo sem vida tem de passar por uma detalhada preparação, pois desde o fim do funcionamento dos órgãos, ele já não é mais o mesmo. Quem perde alguém, no entanto, quer se despedir da imagem que tinha dessa pessoa, não de um ser frio, distante, transfigurado.

Os tratamentos de corpos variam de acordo com o tipo de morte. Os mais complicados são aqueles dados a cadáveres que tiveram mortes violentas, pois, inevitavelmente, os corpos devem ser primeiro examinados no Departamento Médico Legal (DML) para que as razões do falecimento sejam averiguadas. Independente do local e do tipo de morte, são as funerárias que transportam os cadáveres até o local da perícia.

O primeiro a lidar com o corpo é o auxiliar de perícia. É ele quem recebe os óbitos e fornece os documentos para os familiares. Logo depois, o auxiliar recebe a ajuda de um médico legista para realizar uma série de exames até que se determine o motivo da morte. Quando isso acontece, o corpo pode ser liberado para o sepultamento.

Em uma bandeja de metal, o auxiliar de perícia deita o corpo do indivíduo para que, inicialmente, seja feito um raio-X. É imprescindível averiguar se há fraturas no cadáver. Após o exame, inicia-se o procedimento mais complexo: a necropsia.

As regiões do crânio, tórax e abdome são abertas para análise dos órgãos, de acordo com o aparente motivo da morte. O médico vai indicando ao auxiliar os órgãos que precisam ser analisados internamente e, a partir de uma observação do conjunto, consegue concluir quais foram as causas do falecimento. Além disso, amostras de sangue e de urina são coletadas para exames complementares, que poderão confirmar o diagnóstico. No final, os cortes são suturados e a medição do corpo é realizada.

O auxiliar de perícia do DML de Novo Hamburgo (RS) Vanderson Corrêa conta que sua complicada função exige distanciamento em relação à morte e ao estado do corpo. "No meu primeiro dia no emprego, atendi um caso de esgarçamento. Eu senti que alguma coisa não estava certa, que eu não deveria estar ali", afirma Corrêa.

Hoje, após três anos na profissão, ele afirma que consegue enfrentar a sua rotina de trabalho com maior desprendimento, embora acredite que seja impossível ser indiferente quando se lida com seres humanos.

Quando o óbito ocorre em um hospital, devido a enfermidades não relacionadas a acidentes ou violência, é o necrotério que se responsabiliza pelo corpo. Márcio Areço, coordenador do necrotério de um hospital de Porto Alegre há 11 anos, explica o procedimento, bem mais simples que o adotado no DML. "Nós buscamos o corpo no leito hospitalar e trazemos para cá. Liberamos o atestado de óbito para o responsável e o orientamos

nos procedimentos legais".

Areço afirma que uma das maiores dificuldades de seu trabalho é conseguir dar suporte psicológico à família, que geralmente está muito abalada e resistente em aceitar a morte. Segundo ele, é bastante comum que amigos e familiares queiram ver o corpo antes que ele seja encaminhado para a funerária. Nesse momento, fragilizados, muitas vezes se sentem mal ou se portam de maneira violenta. "Para esse tipo de situação, contamos com uma equipe de seguranças, assistentes sociais e psicólogos", relata.

Envolto em lençóis brancos, com uma etiqueta de identificação, cada cadáver repousa sobre macas, dispostas em salas separadas. Caso precise permanecer por mais de 12 horas no necrotério — quando a família reside em outro Estado, por exemplo —, o corpo é deixado em uma câmara fria para que seja conservado.

**Uma das piores situações relatadas por Areço diz respeito ao falecimento de fetos. Nesses casos, é preciso realizar todos os procedimentos burocráticos de uma morte comum, o que só faz aumentar o sofrimento dos pais. Outro problema é a reação, nem sempre positiva, dos familiares frente a notícia da morte, que acabam por descontar sua raiva nos funcionários do necrotério. "Nos não acompanhamos o histórico, não conhecemos o paciente. Apenas trouxemos o corpo e liberamos os papéis", explica Areço.**

Depois que são liberados pelo DML, pelo necrotério do hospital em questão ou até mesmo por um médico que atestou morte natural, a etapa final no tratamento dos corpos ocorre na funerária. É responsabilidade da empresa transportar o cadáver, além de tomar os últimos cuidados de sua higienização, conservação e aparência.

Atualmente, a prática mais comum adotada pelas funerárias é a tanatopraxia, técnica que substituiu o embalsamento e a formalização (injeção de formol) dos corpos. A partir de duas incisões, uma feita próxima à virilha e outra no umbigo, introduz-se um líquido conservante, ao mesmo tempo em que o sangue é removido por outro canal. "O procedimento é bastante parecido com o de uma hemodiálise", explica Alexandre Araújo, que exerce a função em uma funerária de Porto Alegre há seis anos.

São duas pessoas que realizam a tanatopraxia. Uma controla a troca de líquidos, enquanto a outra massageia o corpo, utilizando xampu ou sabonete cremoso, para facilitar essa substituição. O líquido conservante aplicado é composto por uma baixa concentração de formol e um corante rosa, que servem para conter a decomposição do corpo, melhorar sua aparência e seu odor, além de revigorar os tecidos. Além disso, a técnica evita o inchaço do cadáver e a conseqüente secreção resultante da proliferação de bactérias no organismo inativo. Finalizado o procedimento, é feita a sutura e a secagem do corpo.

Logo depois, os corpos são vestidos e os cabelos penteados. De acordo com o pedido da família e com o sexo da pessoa, o corpo é maquiado, barbeado e tem as unhas pintadas. Por último, realiza-se o tamponamento das narinas e dos ouvidos.

De acordo com Araújo, alguns familiares preocupam-se muito com o tratamento do corpo do ente querido e exigem que o profissional envolvido no trabalho seja do mesmo sexo da pessoa morta, principalmente no caso de mulheres jovens ou senhoras de idade. "Nós disponibilizamos agentes funerários de ambos os sexos, pois algumas famílias têm restrições", relata Araújo.

Algumas funerárias dispõem ainda de serviço de reconstituição facial. O procedimento é adotado para que o corpo possa ser velado com o caixão aberto, mesmo quando o rosto está descaracterizado em virtude de uma morte trágica. Com esse recurso, é possível reconstituir as formas do indivíduo através do preenchimento com algodão e gesso, seguido de revestimento com uma cera específica, que se aproxima do tom da pele humana. Para um melhor resultado, é ideal que haja uma foto recente do falecido para que uma comparação seja feita.

"O velório é a última homenagem que os familiares fazem àquela pessoa amada. É a despedida final que traz a certeza da morte. Por isso, procuramos fazer o melhor para possibilitar esse momento", afirma o agente funerário.

A maior parte das pessoas não consegue desvincular tristeza e morte, morte e medo, medo e horror. Por isso, as profissões que lidam com o tratamento de corpos são, geralmente, consideradas árduas. O coordenador de necrotério Márcio Areço discorda desse ponto de vista. "Com tanta violência que temos hoje em dia, falta de amor entre os semelhantes, acredito que a morte não é a pior tristeza. Ela é só uma etapa por que passa todo o ser humano", afirma.

# quando a vida perde forças

Luis Eduardo Tebaldi Gomes

luisgomes\_86@yahoo.com.br

Adão de Oliveira, 61 anos, morador de São Leopoldo (RS). Na juventude foi jogador de futebol. Em um teste no Internacional, foi incumbido de marcar Bráulio. "No primeiro lance tomei um chapeuzinho que me penteou os cabelos. Na jogada seguinte, dei no meio dele. Me mandaram embora na hora", conta Adão, hoje desempregado. Após pendurar as chuteiras, por volta dos 30 anos, começou a adquirir vícios. Durante 24 anos bebeu entre meia e uma garrafa de cachaça por dia. Parou por volta do ano 2000. Também fumava. "Eu fumava muitos cigarros desses mato-rato, os mais baratos. Devido à minha dificuldade (financeira), eu fumava sempre o mais barato", diz.

Há cerca de um ano e meio, em 2005, foi diagnosticado que tinha câncer de base de língua. Ele foi operado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Em abril de 2007, sentiu um incômodo e resolveu procurar os médicos. "Agora é uma coisinha mínima que me apareceu aí, mas foi procurado por mim mesmo". De acordo com o Moacir Assein Arus, médico do Serviço de Tratamento da Dor e Medicina Paliativa do HCPA, o câncer retornou e há pouco que se possa fazer para curar Adão em definitivo.

O setor de Serviço da Dor do HCPA atende pacientes que sofrem de câncer e de outras doenças que chegam a um estado que já não podem mais ser curadas. "Mas o fato de não poder curar a doença, não significa que ele seja terminal. Ele tem condições de vida, às vezes por muitos anos", diz Miriam Marteleite, chefe do serviço. Segundo ela, o objetivo não é dar falsas esperanças a estes pacientes, nem prepará-los para a morte, e sim fazer com que cada dia seja o melhor possível para eles. "Nós tratamos desses pacientes olhando a vida, não olhando a morte. Procuramos fazer com que cada dia seja um bom dia", resume a médica.

O HCPA recebe pacientes com câncer em consultas nas segundas e nas sextas-feiras. A maioria deles vai ao hospital uma vez por mês, de acordo com Miriam, para que seja observada a evolução de suas doenças. Quando já não têm mais condições de se dirigirem ao local, existe uma equipe do Hospital de Clínicas que os visita em seus domicílios. Miriam defende a hipótese de que, quando estes pacientes chegam ao estado terminal, o melhor a fazer é mantê-los em casa. "Nós achamos que a forma mais confortável de uma pessoa morrer é na sua casa, com os seus familiares em volta, da forma mais normal e tranquila possível", diz.

O enfermeiro Édson Ribeiro, do Hospital São Vicente de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, há 26 anos trabalha na área da saúde e, na maior parte desse tempo, tratou de pacientes em estado terminal. Ele afirma que é complicado para as pessoas aceitarem a idéia de que estão próximas da morte. "É a última idéia que eles pensam. Eles pensam sempre na melhora, na cura, não aceitam a morte como uma etapa final da vida, mesmo em estado terminal", declarou Édson.

O médico Moacir Arus acredita que é sempre difícil o momento de informar o paciente de que sua doença não tem mais cura. Para ele, o médico precisa ter experiência e abordar a questão aos poucos. "Quais são os seus medos? Por que você está trocando o dia pela noite? Dorme de dia e não dorme de noite. Isso geralmente aponta para um medo de morrer. Só com essa observação de que o paciente trocou o dia pela noite, nós temos uma entrada para conversar sobre os medos, sobre os temores. E nesse momento a gente pode até fazer a pergunta: Está com medo de morrer?"

**“Está bem, estou doente, a minha doença é ruim, eu vou morrer dela. Mas eu gostaria de viver pelo menos mais um ano, para ver meu filho se formar”**

De acordo com o Arus, existe um estudo feito pela médica inglesa Elisabeth Kübler-Ross que define os cinco estágios pelos quais passa uma pessoa ao receber a notícia de que possui uma doença incurável. O primeiro estágio é a negação. "Não é verdade, erraram o exame, este médico está errado", relata Arus. Em um segundo momento vem a raiva. "Ele (paciente) se volta contra o mundo. Acha que sempre foi uma boa pessoa e que isso está ligado a uma idéia de castigo", conta Arus. Passada a raiva, a pessoa passa a negociar com o médico para estender o seu tempo de vida. "Está bem, estou doente, a minha doença é ruim, eu vou morrer dela. Mas eu gostaria de viver pelo menos mais um ano, para ver meu filho se formar", continua Arus. Após esta etapa, vem a fase da depressão, quando o paciente já aceitou a morte. Finalmente, a acomodação. "Todo mundo morre. Eu não sou diferente dos outros. Vou encaminhar as minhas coisas da melhor maneira possível. Os que têm tempo de ter uma evolução mais ou menos prolongada conseguem passar por todas essas fases e chegam àquilo que a gente chama de uma morte tranquila", define o médico.

Arus salienta que o estudo da inglesa é um modelo, mas que existem outros comportamentos. "Alguns ficam em qualquer uma dessas fases. Ficam lá na negação. 'Não é comigo, erraram, não quero saber'. Outros ficam sempre na fase da raiva. 'Não tratam direito, não fazem os exames que deveriam fazer'. E outros podem parar na fase da depressão. De vez em quando nós temos a notícia de um paciente que se matou", conclui.

Parentes e amigos são parte importante do tratamento da doença. "O que mais prolonga a vida de um paciente com câncer é a sua adequada inserção na família", diz Miriam. A responsabilidade de cuidar dos pacientes quando eles não estão no hospital, normalmente, recai sobre familiares mais próximos. Cuidado diário, que muitas vezes pode ser desgastante para eles. "Toda a família que tem um paciente à beira da morte, fica de certa forma vulnerável à doença também. Ansiedade, depressão, cansaço pelos cuidados que tem que ter com o paciente, insônia, gemidos constantes de dor do paciente, tudo isso gera muito sofrimento para os familiares. Por isso a gente tem que ter uma atenção global,

**“Nós tratamos desses  
pacientes olhando a vida,  
não olhando a morte.  
Procuramos fazer com que  
cada dia seja um bom dia”**

paciente e família”, diz Arus. O enfermeiro Édson, acostumado a acompanhar os pacientes nos últimos momentos de vida, destaca dois tipos de comportamento padrão entre os parentes. "Alguns familiares mais próximos recebem a notícia da morte de maneira natural. Pessoas mais distantes, que se aproximam na fase terminal da doença, reagem de outra maneira. Choram, não aceitam a morte. Por motivo de culpa muitas vezes, porque não estavam juntos no momento em que a pessoa mais precisava”, lembra.

Para Adão de Oliveira, os últimos tempos têm sido difíceis. O câncer de base da língua é um incômodo para a fala. Às vezes ele precisa se afastar de conversas, porque não tem mais condições de participar. "Eu converso um pouco, brinco um pouco, daqui a pouco começa a me atacar e eu tenho que ir embora", afirma. Ele diz não ter do que reclamar da sua família, mas se queixa de que, em alguns momentos, não tem o apoio de que precisaria. "Às vezes eu sinto um pouco a falta dos filhos, os filhos de criação. Eu sinto a falta de interesse. Por todos eles não. Alguns me ajudam, outros não". A saída para diminuir o sofrimento para ele é a religião. "Me

agarro muito com Deus, antes de falar com os médicos", diz Adão. O médico Moacir Arus afirma que muitos pacientes se apegam à possibilidade do milagre da cura, e cabe aos médicos não lhes tirar essa esperança. "As pessoas realmente se apegam às suas crenças. Muitos esperam milagres, e a gente não pode tirar ou deixar de propor que isso também é uma ferramenta para ajudar nessa fase difícil", diz.

O Hospital de Clínicas atende pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), que muitas vezes têm dificuldades em conseguir remédios. Adão de Oliveira é um exemplo. Atualmente, ele está desempregado e não conseguiu a aposentadoria junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). "Eu mais passo sem medicamento do que tomando. E quando eu tomo, é emprestado. O doutor me receita dez envelopes de um remédio, seis de outro. Daí eles me vêem um envelope só e me carimbam como se eu estivesse levando tudo, entendeu? Daí eu volto lá, e eles não me dão, me dizem que eu já levei. E, às vezes, eu não levo nada, porque não tem nada nunca", finaliza.

Na opinião de Miriam Marteleite, os pacientes deveriam lutar mais pelos seus direitos. "Infelizmente os pacientes aceitam isso com muita tranquilidade. Eles estão acostumados a passar dificuldades e não têm uma noção adequada de cidadania. Eles não reclamam como deveriam para obter essa medicação, como fazem os pacientes com Aids", afirma a médica.

A idéia da morte, para a qual poucos se preparam, abala tanto aqueles que vêem sua própria vida perder a força quanto seus familiares. O acompanhamento dos profissionais, no momento da dor, pode não curar doenças terminais, mas certamente auxilia a diminuir o sofrimento e tornar o processo da morte mais natural.

# Luto necessário

Álvaro Bueno  
aobueno@gmail.com

**“Quando ficamos diante da nossa finitude e impotência diante da morte de alguém que amamos demais, pensamos que nunca mais poderemos tocar a vida normalmente. Realmente a dor é muita e, em muitas vezes, precisamos da intervenção de profissionais que podem nos ajudar a passar por este momento sofrido com mais cuidado. Pois a maior parte das pessoas quer sim nos distrair, nos alegrar e tentar que esqueçamos da perda irreparável... mas infelizmente estão equivocadas. Precisei reviver algumas coisas, voltar a alguns lugares, rever lembranças boas e lembranças doloridas.” D.R., de Porto Alegre**

A única certeza do homem é que ele nasce e morre. Entretanto, esta consciência da morte e todos os temores que ela provoca para a humanidade fazem com que o tema adquira uma condição de tabu. Foge-se dela durante toda a vida, finge-se que ela não existe. Por isso, é natural o mal-estar que um falecimento causa nas pessoas. A dor da perda diante da morte de um ente querido custa a abrandar. É o tempo que leva para aprender a lidar com a falta e para que seja feita uma reestruturação do sistema de relações pessoais. Este período, o luto, é parte importante do processo que envolve a morte.

O luto é necessário sempre. Seja nas mortes súbitas ou violentas ou até naquelas já esperadas, pois não há medida para este tipo de dor. Cada caso é único e quando um pai morre, cada um de seus filhos perdeu um pai, dependendo da relação existente entre eles. Os casos extremos de morte tornam o processo mais difícil, mas em uma situação de dependência ou intimidade com a pessoa falecida também é assim.

A imprensa costuma cobrir casos de mortes violentas e, em alguns casos, seqüentes velórios sem os cadáveres. Ocasões em que familiares precisam vivenciar lutos inabitados. Momento de conformidade com a certeza do óbito e, ao mesmo tempo, de angústia pela não concretização de todos os ritos necessários para que os que ficam possam dar prosseguimento em suas vidas.

A família do empresário e jornalista Ivandel Godinho esperou a busca de três anos, após ser anunciado seu seqüestro, para poder chorar. Isto só foi possível quando os ossos da vítima foram encontrados no bairro Capão Redondo, em São Paulo, e se obteve a comprovação, por exame de DNA, da identidade correta. Antes disso, um resgate chegou a ser pago e outras ossadas haviam sido indicadas pelos seqüestradores presos. As investigações apontaram que Godinho foi morto três dias após seqüestrado.

Situação semelhante viveram os familiares das vítimas do acidente de um Boeing 737 da companhia aérea Gol após um choque no ar com um jato Legacy que voava na mesma altitude. Findadas as esperanças de haver sobreviventes, o desejo era de que os corpos fossem localizados para poderem ser enterrados, concretizando algo que já era uma realidade. A psicóloga Arieli de Freitas acompanhou a situação vivida pelos familiares dos gaúchos no acidente naqueles momentos. “É um trabalho que vai além da escuta. É preciso intervir e organizar o ambiente para que aquelas famílias possam manter o mínimo de estrutura possível num momento que já está desestruturada por si só”, conta.

Ela e as também psicólogas de Porto Alegre Adriana Binotto e Diana Ducatti se especializaram no atendimento clínico e no serviço de apoio ao luto. Um trabalho que se estende do consultório para, por exemplo, um saguão de aeroporto ou palestras em cemitérios e crematórios. O objetivo é auxiliar as pessoas no processo de luto a aceitar a realidade imposta pela ocorrência da perda e aprender a conviver com a falta, de maneira que sejam incentivadas a uma vida produtiva, de qualidade e com o desenvolvimento de novos vínculos afetivos.

Adriana explica que, nas horas e dias seguintes à morte de alguém querido, a maioria das pessoas passa por uma fase de descrença. Depois, pode surgir um período de grande ansiedade pelo que foi perdido, seguido de períodos de grande tristeza, depressão e silêncio. Crises de choro podem ocorrer a qualquer momento. À medida que o tempo passa, a angústia intensa resultante do luto começa a diminuir. Mas a psicóloga salienta que o processo de luto não se trata de um único sentimento, mas de um conjunto de sentimentos que necessitam de algum tempo para ser resolvidos e que não devem ser apressados.

As três profissionais tiveram experiências de trabalho anteriores em hospital. As suas vivências e dificuldades enfrentadas e, ainda, as relatadas pelos demais funcionários é que despertaram a iniciativa de estudar o assunto mais a fundo. “Essas experiências nos mostraram o quanto a gente não sabia lidar com a situação e começamos a procurar as melhores formas de atuar. Muita coisa a gente aprendeu através de erros e acertos, através da prática”, relata Diana.

O enlutado é muitas vezes privado de chorar. Enquanto a sociedade espera que a pessoa tenha uma recuperação rápida, não indo muito além da missa de sétimo dia, a psicologia buscará dar o tempo que a pessoa precisar. Existe uma constatação que a falta do luto adequado pode acarretar ou agravar problemas futuros. Há quem, literalmente, adoença. Outra questão trabalhada é o luto não reconhecido, quando casos de mortes de homossexuais, deficientes, fetos e até animais de estimação abalam alguém, mas que as pressões sociais nem sempre permitem externar.



Em Porto Alegre, a organização não-governamental Vida Urgente - Fundação Thiago Gonzaga, reconhecida pelo trabalho de conscientização e combate aos acidentes de trânsito que vitimam jovens, também faz um trabalho de apoio aos pais. A instituição conta com seis psicólogas voluntárias que acompanham, coordenam e orientam os grupos de apoio para pais e familiares em processo de luto que se reúnem duas vezes por semana.

O Núcleo de Psicologia Vida Urgente desenvolve dois tipos de grupos de apoio: um grupo para pais que perderam filhos e um grupo para demais familiares e amigos. “Esta diferenciação existe, pois se entende que o luto dos pais é um processo de luto distinto em relação aos demais pela inversão da ordem da vida, apresenta as fases alongadas, instáveis e com um fechamento diferenciado”, explica a psicóloga voluntária Scheila Steinke.

Através do relato de suas próprias experiências, os pais constataam que há cumplicidade e disponibilidade de todos os integrantes do grupo para os momentos de dificuldade e também os de alegria. “Aqui eles percebem que não são os únicos, que podem dividir o peso da dor”, acrescenta Scheila. Deste trabalho surgiram idéias novas dos próprios pais, como a formação de um coral e de uma oficina de artes.

O Coral Vida Urgente trouxe nova motivação ao grupo. Hoje, ele é rotina de todos os finais de tarde das terças-feiras e as apresentações ajudam no trabalho institucional da Fundação. A oficina de artes aproximou um grupo de mães que preparam o artesanato inclusive para feiras da instituição. “É uma maneira de me fazer continuar viva”, conta a mãe de um jovem morto em um assalto no trânsito.

Enquanto compartilham seus sentimentos, as mães reunidas na tarde de uma quarta-feira produziam borboletas, um símbolo de seres livres, bonitos, mas de vida curta. A socialização faz com que o tempo passe mais agradavelmente e traz um amparo necessário, pois a dor da perda permanecerá constante até o tempo necessário para que dê lugar a saudade e lembranças.

#### Links relacionados

[www.abclinicadoluto.com.br](http://www.abclinicadoluto.com.br)

[www.4estacoes.com](http://www.4estacoes.com)

[www.vidaurgente.com.br](http://www.vidaurgente.com.br)

#### Qual a importância de aprender a lidar com o luto?

Vivenciar o luto é uma experiência pela qual, mais cedo ou mais tarde, a maioria de nós vai passar. Por isso, é importante saber como nos faz sentir, o que devemos fazer e como aceitar.

#### Como lidar com feriados, aniversários e eventos familiares?

Não devemos esquecer que datas importantes poderão ser particularmente difíceis de reviver. Incentivar que o enlutado participe ativamente na preparação de tais celebrações poderá ajudá-lo a não se sentir tão sozinho.

#### Como se dá o processo de luto em crianças?

As crianças têm uma noção de tempo diferente da dos adultos e o processo de luto poderá “passar” muito rapidamente. Tanto com as crianças como com os adolescentes, nunca se deve evitar o assunto. Apesar das crianças não conseguirem perceber o conceito de morte até cerca dos quatro anos, elas também sentem e sofrem pela perda.

A polêmica sobre a

# Penas de Morte

Laura Queiroz

*lauraqueiroz100@yahoo.com.br*

Segundo a Anistia Internacional, **1.591 pessoas foram executadas e 3.861 foram condenadas à pena de morte no ano passado.** Os números podem ser mais altos, visto que nesta contagem figuram apenas os dados informados à organização. As execuções ocorreram em 25 países, sendo que **91% das sentenças de morte aplicadas ocorreram em apenas seis nações:** China, Irã, Paquistão, Sudão, Iraque e Estados Unidos.

A estimativa é que cerca de 20 mil pessoas estejam no corredor da morte em todo o mundo. A polêmica da legitimidade da sentença capital é antiga. De um lado estão os defensores dos direitos humanos, que **questionam a inviolabilidade do direito à vida e a eficácia da penalidade máxima em coibir a violência,** além de considerar a pena de morte um castigo cruel, desumano e degradante. Os opositores da medida ainda encontram nas estatísticas mais um argumento: **não há estudos que comprovem a relação entre pena de morte e diminuição dos índices de criminalidade.** É o caso do Canadá. Lá, a sentença capital foi abolida em 1993 e, nos anos seguintes, registrou-se um decréscimo de 27% nos delitos ocorridos. Outra questão pertinente é a eventual condenação de inocentes. Só em 2006, três pessoas foram absolvidas após passarem anos na angústia da espera da execução. Os equívocos aconteceram na Jamaica, na Tanzânia e nos Estados Unidos.

Do outro lado, indivíduos assustados com o cenário de insegurança e descrentes da capacidade do Estado e do sistema prisional em recuperar infratores clamam por medidas mais rigorosas e punições mais severas no combate à criminalidade. Para os defensores da medida, **a penalidade máxima apresenta-se como um meio de intimidação ao ato criminoso,** a certeza da condenação. Além disso, os partidários da pena capital não concordam em ter que sustentar bandidos nos presídios, considerados uma escola do crime. A preferência é por aplicar o dinheiro que seria gasto com o sistema carcerário em áreas sociais.

Ao longo da História, **praticamente todas as civilizações fizeram uso da pena capital como forma de punição.** No decorrer do século XX, a maioria dos países aboliu a prática. Atualmente, apenas duas democracias ainda aplicam a sentença de morte: o Japão e os EUA.

No Brasil, a última execução ocorreu ainda no II Império. No entanto, a preocupação crescente em relação às questões de segurança por parte da população e dos governantes, aliada à espetacularização da violência promovida pela mídia, ressuscitaram o debate acerca do tema. Uma pesquisa realizada pelo instituto CNT/SENSUS, entre os dias 02 e 06 de abril deste ano, indica que 49% dos dois mil entrevistados são favoráveis à adoção da pena de morte no país.

Um levantamento divulgado pelo Datafolha, no último dia 10 de abril, é ainda mais sugestivo. Os dados indicam que **a medida em que aumenta o poder aquisitivo do entrevistado, aumenta também o percentual de indivíduos que apóiam a pena de morte.** Entre os entrevistados que ganham até dois salários mínimos, o índice de aprovação da aplicação da sentença máxima é de 52%. Já entre a parcela da população que possui renda familiar superior a dez salários mínimos mensais, o número chega a 64%.

A questão da violência é percebida como um problema central principalmente entre aqueles que ganham mais. Quando os outros problemas sociais estão solucionados - educação, saúde, moradia, emprego -, a violência passa a ser a principal questão. Independente do apoio ou oposição à pena de morte, é relevante refletir se, no Brasil, a sentença capital seria aplicada para punir com rigor os criminosos e verdadeiramente coibir a ação dos bandidos, ou se seria utilizada simplesmente para promover uma faxina social.

# Não se publica, mas se discute.

Raquel Sander  
ginger\_br@hotmail.com

**Não se publica notícia de suicídio. Esta máxima ronda a maior parte das redações dos veículos de comunicação. A justificativa para a não-publicação – exceto em casos especiais, como o suicídio de personalidades públicas – seria de que matérias noticiando casos de suicídio poderiam influenciar outras pessoas a também tirarem a própria vida. Mas há quem discuta isso.**

O jornalista Renan Antunes de Oliveira, atualmente trabalhando na *TV Gazeta*, em São Paulo, não acredita que a veiculação possa influenciar os leitores. Oliveira ganhou um importante prêmio jornalístico – o Prêmio Esso de melhor reportagem de 2004 – com uma matéria sobre um caso de suicídio.

“Existe um mito entre os jornalistas de que isso [a publicação das notícias de suicídio] incentivaria mais pessoas a se matarem. Se tu contas a história de uma dona de casa que se jogou do décimo andar, provavelmente outras mulheres que tivessem os mesmos problemas fariam a mesma coisa. Mas isso é uma tremenda bobagem. Não é porque tu lês uma reportagem sobre suicídio que tu vais te matar. O sujeito que vai se matar, é por alguma outra razão. Eu acredito que a influência de uma reportagem é mínima”, afirma Oliveira. “Quando alguém quer [se matar], não é uma reportagem de jornal que decide o que a pessoa vai fazer ou não”, completa.

Carlos Etchichury, que teve uma reportagem sobre um caso de suicídio publicada no jornal *Zero Hora* em 2006, não defende que se publique matérias sobre suicídio sempre, mas que o assunto seja mais discutido nas redações. Ele acredita que o assunto não deveria ser um tabu. “O que me incomoda é que isso seja ponto de partida: não se publica. Eu acho que se cria uma relação muito complicada, porque não saindo no jornal, em tese, não existe ou tem menos importância. E, na verdade, é um assunto extremamente importante. Então, não me parece racional omitir o suicídio. Mas também não me parece racional a gente publicar todos os suicídios. Eu não sei exatamente o que deve ser feito, mas acho que é um assunto para discussão”, avalia.

O jornalista ressalta que a falta de discussão dentro das redações também acarreta a falta de ação fora delas. “Eu acho que a gente acaba criando uma relação que se retroalimenta. A gente não publica e, portanto, em tese, não existe. Não existindo, não existe pressão. Não existindo pressão, os governos não fazem absolutamente nada. Sempre foi assim

na história do Brasil. E os governos não fazendo nada, o problema continua, sendo tratado sem uma política, de maneira desqualificada. Não há um tratamento qualificado para a questão do suicídio no Brasil”, afirma Etchichury.

Mas, quando se publica uma notícia de um suicídio, que cuidados se deve tomar? Etchichury acredita que se deve tratar o suicídio como um assunto de saúde pública e não se pode glamourizar a morte. Além disso, o jornalista crê que se deve evitar dar detalhes da forma como a pessoa se matou e não passar a idéia de que a pessoa tomou uma decisão heróica.

Etchichury destacou que a Organização Mundial de Saúde (OMS) elaborou um guia para os profissionais da imprensa sobre a prevenção ao suicídio (disponível em <http://www.spsuicidologia.pt/imprensa.php>), o qual apresenta recomendações sobre como o assunto deve ser tratado nas matérias jornalísticas.

Renan Oliveira, no entanto, acha que não se deve ter cuidados. “Eu defendo que não se deve ter nenhum cuidado. Tudo deve ser exposto ao sol. Uma reportagem deve ser o mais aberta possível. Eu, quando escrevo, não tenho nenhum cuidado com nada, com ninguém ou com coisa alguma. Deveria ter, até, dizem, mas eu acho que isso tudo fica a critério do leitor. O leitor quer o máximo. A pessoa que vai ler quer saber todos os detalhes”, diz Oliveira.

Mas o jornalista ressalta o respeito que se deve ter pela pessoa sobre a qual se escreve em uma matéria de suicídio. “Por uma pessoa que já tomou sua decisão, que já está morta, que não tem o direito de se defender ou de explicar aquilo, o máximo que você pode fazer é tentar entendê-la. E sempre com respeito. O respeito que você deve a qualquer pessoa, que você tem que ter com o próximo”.

Cuidado, respeito, discussão, reflexão. O assunto merece. Sendo publicado ou não.



# Eles morrem pela vida

Policiais e bombeiros enfrentam todos os dias o risco da morte para salvar vidas

*“Tem que ter muito amor à profissão, se não a gente não agüenta”.*

É assim que o jovem policial César Cassol, 26 anos, define o seu trabalho. Policial militar há três anos, ele atua nas ruas do centro de Porto Alegre, acompanhado do amigo Tobias dos Santos. Os dois fazem parte do grupamento de cavalaria da Brigada Militar e convivem diariamente com assaltos, roubos, brigas. Para esses dois jovens, proteger vidas é a grande recompensa do trabalho do policial. “Quando temos uma ocorrência, nós não pensamos na nossa vida. Tudo o que queremos é pegar o bandido e proteger os inocentes”, afirma Tobias dos Santos.

Segundo a psicóloga do centro de assistência biopsicossocial da Brigada Militar Iara Fasoli, os policiais apresentam uma característica de sempre querer salvar vidas, mesmo correndo risco de perder a sua. “O juramento para entrar na Brigada diz que os policiais devem estar sempre em defesa da sociedade, mesmo com risco de morte”, diz.

E eles cumprem esse juramento, pois saem para as ocorrências sem pensar se vão voltar ou não. A única coisa que passa pela cabeça é a missão de salvar os inocentes.

Iara atende há 27 anos policiais militares e bombeiros com problemas emocionais, depressão, estresse, ansiedade. Segundo ela, a profissão de policial é tensa. “Eles não lidam com o lado sadio da sociedade, convivem diariamente com acidentes, mortes, marginais. Há um desgaste emocional muito grande, por isso a importância do atendimento psicológico”, afirma a psicóloga.

Em três anos de funcionamento, o centro biopsicossocial já atendeu 5.670 policiais com problemas familiares e, principalmente, de trabalho. “A maior reclamação dos policiais que chegam até nós é a falta de material e estrutura. Os bandidos estão muito mais armados do que a polícia”, relata.

Segundo Iara, outra reclamação são os salários baixos. “Eles não se sentem valorizados como policiais. Enfrentam uma rotina de trabalho tensionante, convivendo com os mais variados tipos de crime e quando saem daqui vão fazer um bico, porque precisam sustentar a família”, conta Iara.

Essa foi a grande reclamação dos dois policiais da cavalaria. Segundo eles, o salário básico de cerca de R\$ 700 é uma desvalorização ao trabalho que prestam. E eles se mostram informados sobre a sua situação. “O Rio Grande do Sul é o Estado que paga o salário mais baixo. No Distrito Federal, um policial ganha, em média, R\$ 2,5 mil”, afirma César Cassol. “Só com muita paixão pelo que se faz para agüentar a rotina de trabalho e as péssimas condições financeiras”, completa Tobias.

## Uma profissão de amor

Amor à profissão. Isso é o que motiva o trabalho do sargento Antonio Ricardo Aquino, do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre. Sem medo de morrer, ele afirma que está sempre disposto a trocar a sua vida pela vida de terceiros. “Salvar vidas, essa é a minha grande luta”, afirma.

Ao longo de 30 anos de trabalho, Aquino já viu colegas perderem a vida ou serem aposentados por problemas como queimaduras e machucados. Por encontrar-se geralmente no ténue fio que separa a vida e a morte, o bombeiro precisa estar preparado para enfrentar as mais variadas situações.

“Além do risco constante de perder a vida, eles presenciam diariamente as mais variadas tragédias, acidentes de carro, incêndios, afogamentos. Isso os deixa abalados”, afirma a psicóloga Iara.

Segundo o comandante do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre, coronel Antonio César Carbone Ribas, o número de ocorrências diminuiu nos últimos dez anos, devido ao trabalho de prevenção aos incêndios. “Até o começo dos anos 90, atendíamos cerca de seis ocorrências por dia. Hoje são uma ou duas. Os prédios passam por vistorias, são equipados com extintores, há saídas de emergência em locais públicos. Tudo isso contribui para a queda”, diz o comandante.

Segundo Ribas, o número de bombeiros mortos também diminuiu. “Hoje o que mais acontece são acidentes leves. Mas todos sabemos que a profissão de bombeiro, assim como a de brigadiano, envolve riscos”, afirma.

## Uma visão sociológica

Risco de perder a vida, de sofrer um acidente, de levar um tiro, de se queimar em um incêndio. Conviver com essa situação de perigo faz parte do trabalho dos policiais militares gaúchos. O medo de morrer existe, mas o dever de salvar o próximo é maior. “Na hora, eu nem penso que posso morrer. A adrenalina sobe e a única coisa que quero é salvar, nem que para isso tenha que morrer”, afirma o bombeiro Antonio Aquino.

Essa visão da morte foi classificada pelo francês Émile Durkheim como um suicídio embrionário. Estudioso do suicídio como um fato social, o sociólogo afirmou que todos os atos provocados pelas pessoas com a intenção de salvar vidas, mesmo expondo-se ao risco de morte, são formas de atentar contra a própria vida. Questionados sobre essa visão, os policiais da cavalaria afirmam: “Somos suicidas então, pois proteger vidas é nossa missão”.

Ângela Chagas

ange\_chagas@yahoo.com.br

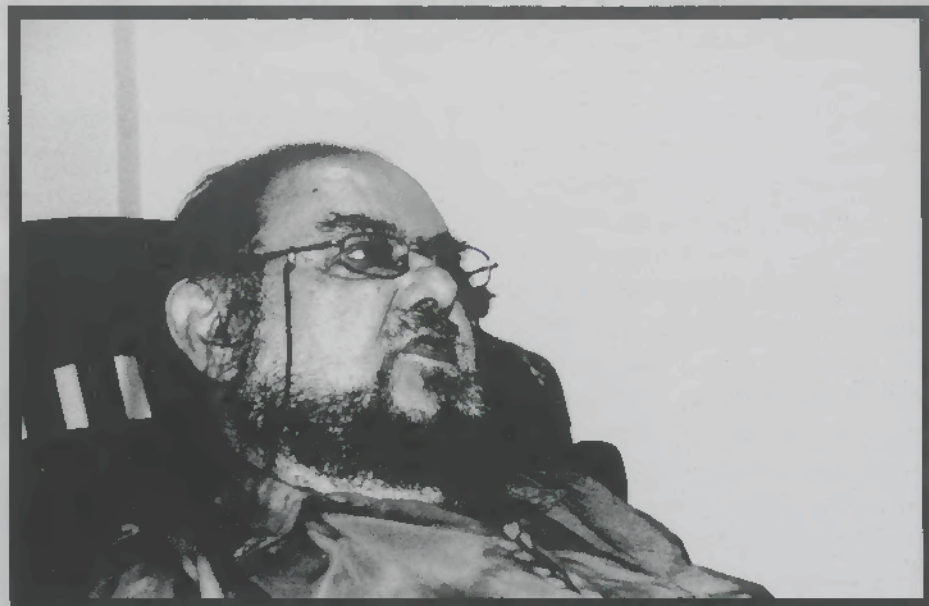
Meia Noite. Na mesma hora em que a alma de Zé do Caixão foi levada em *A Meia Levarei sua alma*, a 3X4 estava conversando com o seu criador. Nada mais apropriado do que a madrugada para um encontro com o maior nome do cinema de terror no Brasil. José Mojica Marins nos recebeu poucas horas depois da sua chegada a Porto Alegre. O encontro se deu no saguão do hotel em que ele estava hospedado. Prestes a lançar *Encarnação do Demônio*, filme que completa a trilogia iniciada com seus dois primeiros filmes, o cineasta, entre um cigarro e outro, fez o que sabe de melhor: contar histórias.

### 3x4 – Como você define a morte?

Mojica - A morte é o grande mistério do planeta. Possivelmente, até se descobrirem que haja vida em outras galáxias ou em outros planetas, ninguém terá realmente a verdade sobre a morte. Eu sou uma pessoa que lida muito com o sobrenatural e com coisas místicas. Sobre a morte, eu acho que já falei, por baixo, entre televisão, rádio, jornais, revistas, mais de mil vezes. Eu sempre parto de um princípio: não dá para ter uma explicação. Eu já discuti com várias pessoas, pastores, padres, pais-de-santo. Mas como a pessoa vai explicar algo se ninguém voltou para falar? Porque, nossa, seria manchete no mundo inteiro. É um enigma! Você sabe que nasce, de onde você vem, mas para onde você vai depois da morte? O corpo sabemos que os vermes consomem. E a nossa essência, essa inteligência, esse ego, esse eu dentro da gente? Na minha maneira de pensar, eu vejo o nosso planeta como um satélite experimental. E jamais alguém morreria e voltaria pra cá. A essência, a alma, não volta. O que fica na verdade é aquela força que a gente tem, positiva, que por um bom tempo fica na terra. Como o próprio 'são', descobriram, faz o que, uns dez anos, que o 'são' de Dom Pedro estava preso, aqui no nosso sistema solar, no planeta. E aí soltaram a voz de Dom Pedro, entre tantas vozes. Então ficamos também presos, por 20, por 30, 50 ou por 100 anos. Uma espécie de essência nossa, positiva - não a alma. Ela fica presa. É quando as pessoas dizem: "Eu vi tal imagem da pessoa que morreu". Eu nos meus cursos, nas minhas palestras, ensino como falar com os mortos. Eu sei falar.

### 3x4 – Como falar com os mortos?

Mojica - Não é bem nas palestras, é mais nas aulas que eu faço, nas oficinas de cinema. O pessoal vai querendo saber muito sobre cinema, sobre planos futuros. Mas entre as pessoas que eu ensinei como falar com os mortos, houve quem enlouqueceu, houve quem morreu e houve quem normalmente é meu amigo e hoje fala: "Você tá certo, eu vi quem eu queria ver". Teve gente que quis ver a esposa e viu a esposa. Teve mulher que quis ver o marido e viu o marido. Houve quem quisesse ver o filho. E é o que eu falei, você vê a imagem. Você fala mas ela não te responde. Ela vem daquilo que eu chamo fé. A fé é uma força que vem de dentro do nosso ser. Seria o nosso subconsciente. Acreditar em algo. Então não é o problema de ver uma imagem da Virgem, ou de Cristo, e pedir a coisa a ser feita. Você pode pegar um cigarro e normalmente pedir para o cigarro. Você tá com uma dor de cabeça, olha para o cigarro e acredita que esse cigarro vai parar sua dor de cabeça. Se não é uma doença pesada, como câncer, com certeza você pondo na cabeça que esse cigarro vai, você pede. É o seu subconsciente pedindo, e o cigarro vai fazer um milagre. Vai passar sua dor de cabeça. E aí você olha: "Nossa, é um talismã!". Não, foi a sua cabeça que fez isso. Então quando eu ensino a falar com os mortos, eu ajudo a pessoa a matar uma saudade. De repente de um filho, de uma pessoa amada. Você vai rever ela, até sorridente, porque você vai pensar em um momento feliz com a pessoa. E a pessoa vai aparecer para você. Você vai falar, ela vai estar sempre sorrindo. Depois passa. É um minuto. É o tempo que a sua mente agüenta. As pessoas que fizeram a prova chegaram no máximo a um minuto, um minuto e cinco. É de 30 segundos a um minuto e cinco mais ou menos, que você vê a imagem, bem nítida. Aí você matou a saudade. No dia seguinte você está bem



porque viu a pessoa, e sabe como vê-la outra vez. Então o segredo da morte está nisso. Você quer rever a pessoa e quem sabe no futuro se juntar a ela. Aí você passa a ter coragem de enfrentar a dor da morte. Essa experiência serve para isso: dar coragem para enfrentar a dor da morte.

### 3x4 - Você é espírita?

Mojica - Não eu não sou espírita. Eu, Mojica, acredito que uma força bem superior a todos nós, chamada de Deus, criou o homem, e o homem criou o diabo. Jamais Deus criaria o diabo. Por que ele, com tanta força, ia pôr uma força negativa para nos insistir a fazer coisas imorais, ou seja, as tentações? Então o próprio homem criou o diabo. Mas aí nasceu o espiritismo. Nasceu uma série de religiões. Na verdade, por temerem a coisa mais forte que existe sobre o planeta: a morte. Ela mete medo. Será que a morte - a gente já viu tanta gente morrer sorrindo - não dói? Será que a morte é suave? O que acontece quando morremos? Como eu falei, não voltamos para cá, morremos, podemos ir pra uma ala, para, sei lá, um mundo paralelo, para uma outra dimensão. Mas jamais voltaríamos para a terra. Jamais entraria aqui quem morreu. Ele vai realmente para um outro plano, não tem mais nada a ver com a terra. Então tudo o que você vê é imagem. Eu já vi. Quando morreu minha mãe, por uma, duas, três vezes, eu achei que estava ficando louco. Mas aí uma amiga minha, que morava na minha casa também, um dia ela olhou.. "Seu Mojica, você tá vendo o que eu tô vendo?". E era a imagem dela da maneira que ela fazia. Ela vinha no meu quarto me abençoar, e partia, normal. Nós só vimos ela fazer aquilo. Então, a essência dela tinha ficado. Aí, eu falei: "Não. Agora eu posso dar uma explicação. Não estou louco. Não está voltando coisa nenhuma!". Você vai falar e ela não vai te ouvir. É a mesma coisa que essas experiências que eu faço. A pessoa vai ver a imagem, mas ela não vai te responder. Então sabemos que são milhões de pessoas com a missão de desvendar a morte, mas ninguém chegou lá. Há livros, há filmes, há vídeos, tudo que é forma da morte, mas ninguém está falando a verdade.

### 3x4 – O que você acha do medo que as pessoas têm da morte?

Tudo isso que você faz, coisas violentas, coisas que passam, nada supera a morte. Então surge aqui os evangélicos. Tem a Igreja Universal do Bispo Macedo. Vem falar da morte: "Cristo foi o único que morreu e ressuscitou". E vai ficar nisso. É uma lenda? É uma verdade? É uma questão de medo da morte que todo mundo tem. Não adianta, todo mundo fala qualquer coisa: "Eu não tenho medo", mas se o cara tá doente, sentindo a mínima dor, não quer morrer. Ninguém quer morrer porque não sabe o que tem do outro lado. Todo mundo quer ficar o máximo possível aqui, com todos os problemas que tem. Quer ficar aqui porque não sabe. Na verdade, é o medo da dor. Dói? Cai um raio, BUM! Um segundo, você morreu. Só que aquele segundo, é uma eternidade.

### 3x4 – E a sua experiência de quase morte?

Em 76, é de conhecimento público, eu tive uma parada cardíaca de quatro minutos. Meu coração parou. Fui dado como morto. Se não fosse essa parada cardíaca dar dentro do hospital, eu não estaria aqui para falar com vocês. Nesses quatro minutos o que eu senti foi dor. Muita dor. Procurei retratar em *Demônios e Maravilhas* o que eu vi. Somente o branco. Todo mundo quer fugir das trevas, eu de repente me vi no branco, queimando. Era branco para todo lado. Areia queimando, queimando. Dor. Eu não parava de gritar. Voltei a mim, com uma massagem que fizeram, e voltei gritando. Então, para mim, eu fui testado. Uma época, o Sílvio Santos fez um programa só para testar quem teve parada cardíaca. Eu encontrei 100 pessoas. E todos eles sentiram o que eu senti: dor. Muita dor. Então, sobre a morte: dói. Não sei quanto tempo a pessoa vai ficar com a dor, mas que dói, dói. Como se diz, depois não se sabe para onde vai esse espírito. Ainda não está escrito. Na minha concepção de vida, se você tiver uma energia fraca, eu acho que essa energia vai se unir a outra, e vão se juntar a uma energia forte. Vamos citar um nome, que a energia dele jamais morreu, e ficará para sempre, cada vez maior. Leonardo Da Vinci. Com a inteligência supra dele, com certeza ele ficou. Morreu o corpo, mas a essência ficou, e com isso vai se juntando mais. Buda, Cristo, não sei se foi uma invenção. Eu sou católico de formação, mas não sei se foi uma invenção. Pode ser que Cristo não tenha sido o que a gente tanto venera. Hoje me fizeram uma pergunta na televisão sobre esse novo planeta. Ele não será um planeta legal, se não entrar política, se não entrar um pouco de corrupção lá dentro. Então é um planeta que vai começar, mas nunca vai ficar na inocência, tem que ter os dois lados. O pecaminoso, e o lado bom, para ter um equilíbrio. Se não, não tem razão. Se todo mundo fosse bonzinho não seria legal. Então existe o mal. O bem combate o mal e há uma razão para existir.

### 3x4 - Mas o Zé do Caixão vê diferente a morte.

Mojica - O Zé acha que a morte é a extinção do seu corpo. Então para que ele não morra, está procurando um filho perfeito. Ele acredita só na força da mente. Ele não acredita em Deus, em espíritos, no diabo. Só na força da mente. Então ele acha que se encontrar uma mulher que pense como ele, que não ame, mas que não odeie, e realmente tenha um pensamento firme, seja inteligente, e nascer um filho dele com ela, ele jamais morrerá. Através desse filho, de netos, ele vai sobreviver, porque realmente é a essência dele, a inteligência dele que vai ficar. O resto ele acha normal. Por isso, se ele tivesse um filho, como agora nessa última fita que eu fiz, ele não teria medo da morte. Agora por que? Porque ele engravida sete mulheres, e uma delas tem que dar certo. Na primeira [*À meia noite levarei sua alma*] ele pegou a noiva de um amigo dele. Matou o amigo e estuprou ela, esperando ter um filho. Mas ela se suicidou. Aí ele ficou mais esperto. No *Esta Noite* ele passou a seqüestrar mulheres, a testar a inteligência delas, até achar a mulher perfeita. Ele acha, mas a mulher morre na gravidez.

### 3x4 – Porque Encarnação do Demônio foi feito só agora?

Mojica – O *Encarnação* era para ser feito em 1967. O roteiro foi escrito em 66, logo após o *Esta Noite*. Mas por problemas da ditadura, uma série de coisas, a fita foi barrada, e só foi realizada no ano passado. Ainda em maio agora eu vou gravar mais uns dois dias de detalhes: faca varando o coração, olhos, detalhes de um olho de barata, e tal. Eu uso numa menina 3000 baratas. Coisas que ninguém nunca fez. Então eu faço questão de dizer para o mundo todo que não é computador, não é trucagem, é real. Eu preparei a moça, pra ela enfrentar 3000 baratas. Afogo ela numa pia, ela não morre, jogo ela no chão e é barata para todo canto. Tinha 70 pessoas na equipe. Foi a fita mais cara da minha vida e a maior equipe. O máximo que eu tinha trabalhado era com 15 pessoas. Dessa vez foram 70. Os melhores do Brasil. Fizeram Carandiru, Central do Brasil, Cidade de Deus, tudo que há de bom. Esses elementos, na hora das baratas, ninguém ficou perto. Só ficou eu e a menina. Nem os atores quiseram ficar por perto. Todo mundo com botas até aqui. Vieram de casacão, fecharam a camisa. E eu e ela fazendo. E a cena foi feita. Ninguém acreditava. Parecia que a fita tinha terminado para a menina. Deu uma crise. Ela tinha subido para tomar banho, quando de repente, eu não fiquei satisfeito e fui buscá-la. Disse: “Você vai ter que fazer outra vez”.

### 3x4 - O Zé do Caixão é um cara super revoltado, fala coisas que são super agressivas, ataca símbolos importantes para os cristãos. Chega a arrancar a coroa de Cristo. Por quê?

Mojica – O Zé é um personagem revoltado né... Josefel Zanatas é o Zé do Caixão. Foi filho de funerários, foi discriminado na escola, conseguiu uma esposa e foi para a guerra. Voltou desesperado. Chegou e foi encontrar a noiva sentada no colo do prefeito. Matou a noiva, matou o prefeito, e só foi absolvido porque era negócio de guerra. Dali nasceria uma revolta com ele. E ele passaria a só valorizar a inocência da criança, que é pura demais. Então há muita coisa que vai se entender melhor com o *Encarnação*. No final da trilogia vai se entender toda ideologia e filosofia dele. O Zé pensa o seguinte: “qual o problema de morrer 100 pessoas inúteis para que milhões de seres humanos sejam salvos?” Então ele vai nisso. Ele acha que se encontrar a mulher com

quem possa ter o filho perfeito vai estar realizado. Ele mata, mas apenas quem cruza o seu caminho. Ele segue a reta dele, e mata só quem cruza o caminho. Se não mexem com ele, ele também não vai fazer porra nenhuma. Você vê no *À Meia-noite*: ele estuprou a esposa do melhor amigo para conseguir um filho. Ele não iria matar o médico, se o médico não se metesse com ele. Se ele raptasse as sete mulheres no *Esta Noite* e ninguém se metesse, não iria matar ninguém. Tem toda uma lógica. E o *Encarnação*, como na época eu achei que ia fazer em 67, no ano seguinte, eu estava tranquilo porque todo mundo ia entender, vendo as três fitas juntas. O que vai acontecer agora: o pessoal vai ver o *Encarnação* e vai querer ver o *À meia-noite* e o *Esta noite* para entender. E o *Encarnação* vai dar explicação para todos problemas que ficaram sem resposta. Eu tinha um problema de censura em cima, e não podia detalhar determinadas coisas, senão os caras me seguravam. Deu zebra de eu começar a fazer o Zé exatamente quando nascia a ditadura. Agora com o *Encarnação* eu posso morrer sossegado, porque eu deixo uma série de explicações. Mas mesmo assim eu estou escrevendo um livro, de como seria a continuação do *Encarnação*, para deixar mais explícito, para que não haja confusão após a minha morte, para não acharem que o Zé do Caixão era um ser paranormal.

### 3x4 – Então que palavra define o Zé do Caixão?

Mojica – Ele é um homem persistente, ele vai naquilo que acredita. Passam-se 40 anos e ele continua atrás do que acredita. Eu acredito muito na persistência, defendendo isso demais e quero morrer defendendo. Eu vi muitos amigos meus, que tinham tendência para serem grandes cineastas, desistirem após a primeira queda. Eu que não tinha força nenhuma, não tinha grana, acreditei, bati, bati, fui chamado de louco, fizeram o que fizeram comigo. O Eugênio [Puppo, Produtor] está agora escrevendo um livro sobre minha vida. Tem o *Maldito*, mas o *Maldito* tem muita coisa... os caras fizeram comigo 400 entrevistas, mas pegaram gente que me odiava de morte. Inverteram. Quem me ajudou, passou a ser vilão, quem era vilão, no livro parece ser herói. Também ridicularizaram minha família com coisas que não tem nada a ver. Todas as pessoas que eu tenho como testemunhas do que eu vivi, eu estou passando para o Eugênio entrevistar, para que seja um livro autêntico. Para que tudo que eu falar, tenha quem confirmar.

### 3x4 – E o sacrifício que você fez pelo Zé do Caixão, a história das unhas por exemplo?

Mojica – Eu diria que eu fiquei aprisionado a um personagem, para ter credibilidade no mundo todo. Eu sabia que as unhas eram um sacrifício. Tinha que fazer o



escambau para segurar aquelas unhas. Mas as unhas eram a marca. Se eu cortasse, perdia força do personagem. E eu acho que a minha missão com as unhas chegou ao fim. O mundo inteiro conhece. Tem um livro para ser publicado pelos franceses, e tem um livro agora pelos americanos, que deve sair no final desse ano ou começo do ano que vem. E tem três brasileiros escrevendo também. Independente do Eugênio, tem mais dois. E eu resolvi escrever minhas memórias. Se der tempo, vou escrever. Se tudo correr bem, eu pretendo lançar também no ano que vem. Porque eu escrevia crônicas para um dos maiores jornais de São Paulo, que era o *Estado de São Paulo*, depois o *Diário de São Paulo* e várias revistas. E essas crônicas, tudo o que eu escrevia era baseado em fatos reais meus. Eu hoje, juntando todas essas crônicas, pondo em ordem cronológica, está quase toda minha vida contada. Com alguns trechos de 2006, 2007, eu estou com as minhas memórias completas. Então eu pretendo lançar. Eu acho que as pessoas vão saber muito mais a meu respeito do que sabem até agora. Inclusive, sempre fizeram entrevistas, mas perguntas que eu queria que fizessem, nunca perguntaram. Cada historinha do passado que eu fiz tem uma história, como eu cheguei a fazer a fita. Não é que eu peguei assim e fui fazer. Hoje, o Eugênio está indo atrás de toda a história da história, uma história que vira outra história. Então há muita coisa que de repente o público não sabe, ficou só naquela narração que veio do *Maldito*. Daí em diante as pessoas só ficaram naquilo.

### 3X4 – Qual dessas histórias você gostaria de contar?

Mojica – Tem uma fita que eu fiz nos anos 40, 48 só pra ter uma idéia. Hoje o Eugênio está louco atrás da fita. Agora interessou. Porque havia uma menina no meu bairro... Tinha uma menina, era muito carola, mas ela era bonita. Quatorze anos mas já tinha o corpo desenvolvido. E provocava toda a garotada de dez, onze anos. Provocava, mas ficava na dela. Então era uma santa. Aí um dia ela veio e nós, mais ou menos seis garotos, eu e mais cinco, começamos a segui-la. E ela sabia que nós estávamos seguindo. A gente achava que era alguma coisa do padre, porque ela que abria a igreja, a sacristia e acendia as velas e tal. E nesse dia resolvemos segui-la. Ela entrou na sacristia, deixou a porta aberta para a gente entrar. Daí ela foi tocando vela. Acendendo uma vela, outra. Quando chegou na Virgem Maria, tirava o véu da Virgem, toda aquela capa que não era de gesso, não era de tampo. Aí ela pondo a coisa, mas sabendo que a gente estava olhando, ela resolveu - era uma época que usava saia e saiotas - ela resolveu puxar tudo para cima para arrumar as calcinhas. Porque nós estávamos olhando. Mas no ela fazer isso, o negócio da vela caiu em cima da capa da virgem e começou a pegar fogo. E a capa da virgem caiu em cima da roupa dela. E aí ela começou a gritar e nós ficamos apavorados, entramos pra ajudá-la. Então quando estávamos ajudando ela a

apagar, um pega água, outro vai apagando, chega o padre. E não é que essa menina falou que nós entramos tocando fogo na igreja e pegamos ela para estuprá-la. Nossa! O padre mandou chamar todos os pais e mães. Éramos em 6, e todos apanharam dos pais. Mas apanharam feio. Era uma época que se apanhava de cinto. Eu não. Meu pai chegou para minha mãe e falou: “Não, ele não tem culpa, ela é uma biscate. Essa menina não presta”. Minha mãe tinha uma bomboniere e de vez em quando a menina vinha ajudar nessa bomboniere da minha mãe no cinema, meu pai já via rapazes falando, que ela provocava os rapazes de 18, 20 anos. Ele falou nisso e eu não apanhei. Mas eu gravei aquilo. Aí eu fui fazer o filme que chamava-se *Encruzilhada da*

Como eu falei, eu tô sempre avançado no tempo. Estamos com a câmera, filmando. Expliquei para ele que tinha que dar o beijo, levantar a roupa da menina e abaixar as calças, que a gente queria filmar a bunda dela. Naquela época era um negócio assim que ia explodir. E eu sabia que ela ia deixar. Mas ela ia fazer de conta que não sabia. Aí ela começou a cena do beijo com o cara. E ele foi fazendo, levantou. E a gente filmando tudo - esse filme eu tenho - filmando tudo, tal. Ele trouxe a calcinha até o joelho, e aí fica presa. A partir dessa hora entrava realmente na fita. Na fita entraria o cara que era amante dela, pegando ela com outro. Ele entra e BANG! Mete o tiro. E ela no desespero tinha que levantar e correr pra ele. E o que aconteceu? Ela se esqueceu, sabia que estava com a saia levantada, mas se esqueceu que a calcinha estava no joelho. Então quando ela levantou para ir atender o cara, PÁ! Levou um tombo tão feio que estourou os dentes e tudo. E a gente filmou tudo. Eu falava: “Vai, vai! O som a gente vai pôr depois. Vai, pega ele, chora nos lábios dele. Beija ele!”. Ela vai, já estava com os dentes quebrados, e a pele dele fica toda para cima de sangue. Aí eu misturei o sexo àquela cena dela toda nua, tudo certo. E aquilo foi assim, um sucesso na minha vida. Eu ganhei dinheiro porque eu fazia as fitinhas e ia para as cidades. Você tem aqui no Rio Grande, tem Pelotas, tem não sei o quê. Eu ia para a cidadezinha e passava. Passava em lugar que o pessoal trazia até cadeira para sentar. E quando eles viam um negócio desses, uma mulher nua naquela época. E a fita não tinha som. A gente então o que fazia? Eu levava o microfone e ficava interpretando, outro ficava pondo um fundo musical e a gente sonorizava na hora. O pessoal aplaudia e eu ganhava o dinheirinho para poder fazer outro filme. Então cada um ganhava o dinheiro para outro. E assim foi a minha vida. Cada fita tem uma história. Essa foi *Encruzilhada da Perdição*.

### 3x4 - Quem é José Mojica e quem é do Zé do Caixão? Existe essa separação?

Mojica - São muito separados, não tem nada a ver. Eu estou hoje novamente casado. Fui casado muitas vezes. Perdi duas esposas fantásticas, fui divorciado. Tenho sete filhos, possivelmente terei o oitavo. Três homens, quatro mulheres. onze netos, nove homens, duas meninas. E já estou esperando mais. Então eu estou realizado. O Zé ainda está procurando uma mulher. Eu fui um homem considerado, no passado, um dos mais mulhengers de São Paulo. Chegava a dormir com três, quatro mulheres juntas, na mesma cama. Mas nada tem a ver, a gente muda. Claro que eu sempre vou estar querendo a mulher. No lugar do homem, a companhia de uma mulher. Mas hoje eu não sou aquele homem. Hoje eu vou pela mulher que me entenda. No passado eu ia mais pela beleza. Tive mulheres lindas e inteligentes, e tive mulheres lindas e burras, de tudo. Eu acho que a coisa mais bacana, tanto para uma mulher quanto para um homem, é ter alguém que compreenda, que entenda, e queira ou não, eu acho que fui avançado uns 40 anos nessa questão.

### 3x4 – De que forma você foi tão avançado no tempo?

Em 48 eu fiz um filme chamado *A Luz dos Olhos Meus*. Eu falava no transplante de córnea, e em 48 nem se sonhava com isso. Eu explicava que a fulana tinha uma paixão tão grande por um cara, que o cara ditou e ela escreveu um livro. Ela era rica, e lançou o livro, comprou os exemplares e fez o cara ficar rico. Pôs na cabeça que ele precisava fazer um transplante - que só ia aparecer depois de 40 anos. Ele fez o transplante, e ela deu os próprios olhos para ele. Aí ele veio a enxergar, conheceu outra mulher e deu um pontapé na bunda daquela que fez ele ficar rico e voltar a ver. Ele ficou com a outra. E eu tentava provar, nessa fita, eu tentava pôr algo que eu achava ser a ignorância humana. Levar pela embalagem e não pelo conteúdo. Só que naquela época não tinha plástica. Hoje não existe mais homem feio nem mulher feia. Com dinheiro você faz o rosto que você quiser. Na minha época não tinha isso, quando eu escrevi isso. Eu tava falando para o Eugênio: eu estava avançado muito tempo. Quando fiz *Finis Hominis* havia um grande crítico, que hoje é o cara que faz os festivais internacionais em São Paulo, que dizia: “Mojica tá muito avançado o *Finis*”. Eu falava das igrejas todas, e não tinha igrejas, quem dominava era o catolicismo. Depois foi aparecendo. Foi, foi, aí surgiu o bispo Macedo. E apareceu igreja que não acaba mais. Hoje dá uma tristeza, quando a gente olha São Paulo. Eu moro no centro. São Paulo tinha 350 cinemas no centro, hoje tem um único cinema. O centro de São Paulo tem um único cinema! O resto é tudo telão de coisas pornográficas. Então só tem um cinema, 350 acabaram. A maioria virou estacionamento... não, a maioria virou igreja, a outra parte estacionamento e supermercado. E o resto tudo igreja. E vai tendo igreja para todo canto. Me perguntam porque eu faço televisão. Eu



*Perdição*... Pessoal ficava doido em ver mulher nua. Caceta, pensei: eu tenho que fazer um negócio aqui. Mas como é que eu vou pôr uma mulher nua? Naquela época, nos anos 40 você falar em uma mulher ficar nua, era o fim da picada. Aí eu me lembrei dessa menina. Ela gostava de um rapaz chamado Freitas, era um tipo de galã. Eu convenci o cara a fazer o papel central, porque sabia que ela viria direto. Aí, quando fui falar com ela, ela não veio por causa da fita, ela veio porque ia fazer uma cena de beijo com ele. Naquela época esse cara era requisitado por todas. E aí, o que eu faço? Eu mais ou menos imaginava o que ia acontecer.

faço pra divulgar o cinemão. Eu não quero que o cinema acabe, o cinema é uma viagem. Você entra naquela tela enorme e dá a impressão que você é de lá. É muito bonito. E aqui o povo ainda não sabe o que vai vir pela frente. Você vai ter a terceira dimensão sem óculos. É muito bonito. Você olha, você tem a impressão que a moça, você vai querer dar um beijo e tem a impressão que ela está te correspondendo. Eu falo porque eu vi isso em São Francisco. Mas por uma razão que não se entende os militares não deixam sair isso, nem lá, nem aqui. Mas já temos o cinema terceira dimensão. Se você subir, você vê se o cara tem careca. Se ela estiver de saia e a pessoa abaixar para ver a calcinha, vai ver. Todo lado que você olhar, vai ver um ângulo diferente. Parece que estão trabalhando nisso. Três dimensões é três câmeras, não. O que eu vi em São Francisco eram seis câmeras. Aí dava toda essa coisa. E já estavam trabalhando com o cheiro, que também foi proibido. Se aparecesse uma mulher com perfume você ia sentir. Se era forte, você ia sentir o cheiro, mas tudo isso foi brecado, porque eles acham que isso destoa as pessoas. Mas vai chegar uma hora que isso vai ser liberado, porque a evolução está muito grande. Com a internet, com o computador, então isso vai ser liberado. E o cinema não vai acabar.



### 3x4- Como você aprendeu a fazer cinema?

Mojica - Sabe que eu tenho uma linguagem única, né?! Sou considerado, não só no Brasil, como na Europa, na América, enfim, hoje eu estou entrando no Japão, estou entrando na Índia, e entrando para o Egito. Então eu acho que vou fazer o cerco total. E todos vêem meu cinema como uma linguagem única. Aí eu faço essa fita, que era pra ser feita em 67, 40 anos depois. Mas não mudei uma linha do que eu queria fazer no passado. Zé do Caixão não morreu. Levanta, acaba pedindo a cruz, por que a censura me obrigou a pedir uma cruz. Eu então dei o troco agora. Ele pede a cruz, o padre vai, mas ele mata o padre com a cruz e ainda cega um soldado que estava do lado, que vem a ser o Jece Valadão, que faleceu na minha fita. Foi a última fita que ele fez, a minha fita. Ele trabalha a fita toda com o olho furado... Então, o que eu tive que fazer: o Zé enlouquece. Fica 10 anos num manicômio, 30 na cadeia e quando sai está com 70 anos. Ele sai mais violento, mais revoltado, mas com os pés no chão. Por que esses 40 anos serviram para ele se prevenir de tudo. Então, por isso nessa fita quando ele morre, ele engravida sete. E um filho tem que nascer. Seria muito acaso ou coincidência morrer todas. Mas eu termino com um raio caindo no túmulo dele, o túmulo se abre e vem a palavra "fim". Para deixar um gancho, porque já estão me pedindo a continuação. Na verdade quando eu escrevi era uma saga. Eram sete fitas, não eram três. Na trilogia eram três, mas na saga de Zé do Caixão eram sete, até a morte dele, quando ele tem um filho, e o filho é que mata ele. Aí ele acredita que teve o filho perfeito, porque se o filho não o matasse, ele não iria acreditar. Ele faz uma maldade proposital para o filho lhe exterminar. E ele morre feliz. Finalmente teve o filho que esperava. Essa seria a saga. De qualquer maneira eu deixei escrito. Estou morrendo, não adianta sucessor, que ninguém vai aceitar. Então deverão ser escritos quadrinhos, livros, e o povo só vai aceitar um filho meu. Eu já tenho uma filha que faz a Liz Vamp. E os filhos que nasceram, ou netos, poderão seguir a saga como "O filho do Zé", mas não dá para fazer como o Zé, por que o povo não aceita. Eu fiz em 99 um concurso, acho que o maior que foi feito no Brasil. Levei um ano para escolher uma pessoa. Havia dez mil concorrentes. Acho que só aqui do Rio Grande do Sul haviam uns mil. Todo mundo para ser o Zé do Caixão, e foi escolhido um. Com esse um eu viajei pelo Brasil, mas não houve jeito, cada vez que eu deixava ele sozinho, alguém saía do teatro. Aí ele mesmo falou: "Seu Mojica, eu prefiro ser um ator nas suas fitas, mas nunca vou tentar ser seu sucessor." E não tem jeito, o povo não aceita, prefere me ver de qualquer jeito. Agora no *Encarnação* eu queria uma pessoa para fazer, mas disseram: "Não, se o senhor não fizer, nós não fazemos a fita". Aí eu tive que fazer essa passagem dos 40 anos, e prossegui a fita como seria em 67. Só que não passaria na ditadura. Eu seria preso e quem sabe até morto. Eu fui preso algumas vezes, mas não chegaram a me matar porque eu tinha uma mídia, eu tinha um Jô Soares, um Glauber Rocha, um Rogério Sganzerla. Então se sumissem comigo

esses caras iriam abrir a boca. Eu era uma pessoa protegida pela mídia. Me castigaram, fizeram eu parar de fazer fitas, mas não me mataram.

### 3X4 - Como era essa relação com o pessoal do cinema novo e do cinema marginal?

Mojica - Eu sempre fui o elo entre um grupo e outro. Eu me dava tanto com o grupo do cinema marginal, quanto com o grupo da Vila Madalena, que era o cinema só de quem tinha dinheiro, quanto com o Cinema Novo, Julio Bressane, Glauber Rocha, Cacá Diegues. Então para mim era todo mundo igual. Todos os lados me apoiavam, e como vocês perguntaram, como eu aprendi a fazer cinema? Eu tive a sorte, o privilégio, a iluminação. Meu pai era toureiro, minha mãe dançarina de tango e cantora. Eu nasci com eles viajando comigo Brasil a fora. Minha mãe cismou que aquilo era vida de cigano e convenceu meu pai a ficar num lugar fixo. Aí ele veio a ser

gerente de um cinema, zelador, e eu morava no fundo do cinema. Filho único, um puta telão, vendo aquilo a vida toda, as maiores fitas do mundo passando. Eu gostava de quadrinhos, meu pai construiu uma gibiteca enorme, então todos números de gibis eu tinha. E no cinema tudo que vinha, eu estava vendo. Aí começou aquela vontade de eu querer fazer. E no lugar de uma bicicleta eu pedi uma câmera, meu pai me deu. Eu comecei a brincar e fiz aos dez anos, *O Juízo Final*, onde pela primeira vez eu tinha, no lugar de discos voadores, caixões voando. E não paravam, iluminava. Quem era iluminado ia, quem ficava, ficava petrificado e ia virando verme. Aí foi projetado para o padre local. Eu achei que iria receber todos elogios do padre. Eu sonhava em ser diretor. Garotinho ainda, eu fiz uma besteira em uma peça da Branca-de-neve que eu dirigi. Eu tinha que fazer a menina gritar, e ela só fazia "ai, ai". Aí eu descobri que essa menina tinha medo de lagartixa, e resolvi ser o caçador, o cara que pegava a Branca-de-neve. Quando eu peguei ela, joguei a lagartixa dentro da roupa. Essa menina começou a gritar, tudo que eu queria. Todo mundo aplaudiu. Só que aí eu falava: "Páral" e ela não parou. Os pais subiram no palco... e eu perdi minha vaga de diretor. O padre me cancelou. Aí eu comecei a lutar, e por isso eu fiz a fita *O Juízo Final*, querendo que o padre assistisse. Meu pai chamou o padre, colocou uma música sacra. E daqui a pouco sai aquele monte de vermes, um monte de criança saindo do mato correndo. Com um filme preto-e-branco, com a música sacra achei que ia agradar o padre. Mas aí terminou a fita, o padre se levantou, colocou a mão na minha cabeça e disse para o meu pai: "Seu Antônio, o seu filho é um débil mental". Aí começaria a minha saga. Com apoio do meu pai fiz mais uma fita em 8mm e meio, depois comecei com 16mm. Fui fazendo e aprendendo, e a coisa funcionava.

### 3X4 - E a Escolinha de Cinema?

Depois disso, acabei montando uma escolinha de cinema, coisa que não tinha na época. O próprio Jô Soares diz que a maneira que eu fazia era muito legal, que pessoal se entusiasmava demais. E as pessoas que vinham trabalhar comigo acabavam saindo técnicos, outros diretores de cinema, então era uma oficina em que eu fazia um trabalho muito legal. E ia fazendo minhas fitas da minha maneira. Eu nem sabia que tinha esse negócio de close, primeiro plano. Eu só dizia: "É assim, tem que ser assim". Desenhava como tinha que ser e mostrava para o câmera. Depois eu descobri que tinha que ter plano geral, plano médio, plano americano. Eu que sou um cara que não obedeço roteiro, isso não tinha valor nenhum. Eu ganhei o prêmio de melhor roteiro do Brasil, com *A meia-noite levarei sua Alma*. Só que a fita toda foi feita com uma página e meia. Depois que terminou a fita, aí claro, saiu o maior roteiro do Brasil, porque depois que a fita estava pronta eu coloquei as vírgulas que tinha pôr, coloquei tudo. Mas só fiz o roteiro depois que a fita terminou. Aí quando viram o roteiro disseram: "Não, esse homem é perfeito. É o maior roteiro do Brasil, até as vírgulas ele respeita". Mas a minha linguagem é diferente. Uma vez eu encontrei com um amigo do Luis Sérgio Person no Rio, e ele me deu um livro sobre cinema. Quando eu cheguei em São Paulo, o Sérgio pegou o livro e rasgou. Me disse: "Mojica, se um dia você tiver



que ler um livro, escreva você o seu livro. Senão você vai ficar bitolado. O seu cinema é uma ligação única, ninguém tem essa linguagem". E eu faço por instinto. Todas as fitas eu fazia, depois corria para assistir no meio do público. Me fazia de "miguel" entre as pessoas e ia perguntar o que acharam legal, porque acharam legal. Então eu ia vendo e de acordo com o público. Eu faço fita para



o público. Não faço fita para intelectual, nem pra ganhar prêmio. Ganho na minha persistência em fazer. Mas eu sou o único homem que do cinema virou quadrinhos. É ao contrário, do quadrinho se vai para o cinema. E de *trash* eu virei *cult*, no mundo todo. Todo mundo vê minhas fitas e diz: "Essa fita é cult". A fita mais cara da minha vida tinha custado 150 mil Reais. *Encarnação* vai chegar aos Três milhões e meio. A maior equipe minha tinha sido de 15 pessoas, essa tem 70.

### 3x4 - Essa não foi financiada pelo sistema de cotas...

Mojica – Não, essa é dinheiro. Eu me juntei a um grupo de jovens e à Olhos de Cão, que

fez o *Prisioneiro da grade de Ferro* e *Amarelo Manga*. Nos juntamos à Gullane Filmes, e conseguimos grana do governo estadual. E eu de repente, pela primeira vez na minha vida, ganhei do Governo Federal, das mãos do Gilberto Gil e do Lula, um certificado de honra ao mérito cultural, pelo trabalho que eu prestei no exterior pelo Brasil, e me deram uma medalha. Depois em seguida saiu mais um milhão de reais. Já tinha saído um milhão antes, e aí entraram mais algumas pessoas com dinheiro, e arrecadaram mais R\$500 mil para a finalização. Vai ser uma fita sem efeitos de computador, foi feita em película. Em todas as cenas me deram carta-branca para eu fazer da minha maneira artesanal. Então mesmo com todo esse dinheiro eu não precisei usar o computador. Nada de trucagem, foi tudo feito na base do artesanal, e está perfeito.

### 3X4 – Como funcionava o sistema de cotas?

Mojica – Não, o problema foi o seguinte. A Vera Cruz era a maior firma que o Brasil teve. Parecia que era uma Hollywood. Todo mundo gastava. A Vera Cruz fechou. Parecia que ia baquear, mas aí surgiu uma firma com grana. Maristela. Maristela fez uns três filmes, e aí não agüentou, fechou. Quando parecia que tudo ia acabar, surgiu a Multifimes, que fez os primeiros filmes em cor, com Hélio Souto, *Destino em Apuros*, em Mairiporã. Mas só faria dois filmes, e acabaria. Com o final dos anos 50, da Multifilmes, parecia que tudo acabou. Você chegava para a pessoa, e dizia: "o cinema nacional acabou". As fitas do Rio já tudo caindo. Parecia o final. E eu lutando pra fazer as minhas fitas e não conseguia. Morria uma atriz, acontecia um problema, entrava outro. Fui fazer *No auge do desespero*. De repente, estou filmando em cima de um morro, em Mairiporã, cai um vendaval, me derruba a câmera, me acaba. Então era um problema atrás do outro, o desespero foi ficando demais. Aí eu lancei, com uma escritora que está viva ainda, eu tive semana passada com ela, lancei o livro *Sentença de Deus*, que mostrava as cenas da fita, as atrizes que morreram. Esse livro foi um sucesso financeiro fantástico. Ele realmente me recuperou de muitas dívidas. Aonde é que eu estou querendo chegar? Só me lembra.

### 3X4 – O sistemas de cotas.

Mojica – Aí, o grande problema. Eu tinha grana, mas não o suficiente. E tudo parecia ser o final. Eu falei: "Mas se a gente pegasse as pessoas como associadas?". Mas era um tal de fazer contrato aqui, contrato lá. Assim nasceu uma idéia: "E se fizermos um papel que já é um contrato. Ele tem um valor, digamos, um Real. A fita custa duzentos mil reais. Se a pessoa fica com dez mil, ela vai ter cinco por cento." E assim começou a idéia das famosas cotas, que o Jô ainda diz que eu fui a primeira pessoa a fazer. Agora, o que aconteceu? Incentivou outros

diretores, como Oswaldo Candéias, Rogério Sganzerla, Carlos Reichenbach, todos eles também a usar o sistema de cotas. Não era cota direta, mas começavam a usar sete, oito, dez, vinte pessoas, e o cara fazia uma fita. Então, era o possível. E foram muitas pessoas que usaram essas cotas, que pegavam o modelo e começaram a fazer. Aí começou a nascer, novamente começou o cinema a se levantar. Então nós temos a chamada *Boca do Lixo*, que chegava a fazer, só em São Paulo 120, 130 fitas por ano. Mas graças a esse sistema de cotas que começou. Aí animou todo mundo. As pessoas diziam: "Mas Mojica como é que você faz?" Eu jogo o que é meu. Quando eu não tenho mais, começo a vender as cotas. E é o que eu fazia. Ficava sempre com o que eu tinha em dinheiro. Digamos, vinte, trinta por cento eu comprava das cotas. E assim era vendido para os outros os setenta por cento restantes. Queira ou não, eu não deixei o cinema nacional morrer, porque se morre em São Paulo, que é a maior cidade do Brasil, morria no Brasil todo. Então eu tinha que trazer o cinema em São Paulo vivo. Com isso animei o cinema do Rio, e assim começaram vários estados a fazer cinema. Então valeu o sistema das cotas. E eu devo vir com o *Encarnação*, esse ano, fazer entrevista com o Jô. E não tem jeito. Cada vez que eu vou fazer entrevista, ele vai falar da minha escolinha e vai falar das cotas. Então ele mesmo fala. Não precisa nem eu falar. Ele se lembra como começou, como é que foi. Ele freqüentava a minha escola, só ia para olhar, e achava gozado demais. E ele fala isso, do jeito que eu fazia. E continuo fazendo.

### 3x4 - Como você fazia aqueles efeitos especiais na década de 60?

Mojica – Tem coisas doidas. Eu sou um cara que sou tido por coisas que eu fiz avançadas no tempo demais. Eu tenho no *A meia-noite* um cara que vem com as mãos todas luminosas quando vai dar meia-noite. Aí eu queria fazer o cara e trabalhamos numa maquiagem. Eu peguei os negativos e peguei purpurina negra. Peguei uns caras de histórias em quadrinhos, que eu sempre gosto de trabalhar, e tivemos a paciência de passar a purpurina quadro-a-quadro. Depois passamos para o master, tiramos um contra-tipo, e ficou um efeito fantástico. E assim eu fiz uma porrada de trucagem artesanal, completamente artesanal, e deu certo. O pessoal no cinema falava: "Como fizeram isso?". *A meia-noite* o pessoal falava que não era fita brasileira, que pegaram a fita e dublaram, até porque ninguém sabia quem eu era. Mas eu já tinha feito *A Sina do Aventureiro*, *Meu Destino em suas Mãos*, filmes que eu vou lançar agora em DVD, e que é bom para as pessoas verem o que eu fazia antes. E o Eugênio está tentando recuperar fitas dos anos 40, mesmo que sejam algumas fitas interminadas. Estamos juntando para o povo ter uma idéia. Para pessoas que queiram se jogar no cinema e quiserem seguir o caminho que eu segui. Eu acho que deu certo. O importante é persistir, não desistir, ir em frente que você chega lá.

### 3x4 – Porque o gênero terror?

Mojica – Com quatro anos eu ainda não tinha entrando em nenhuma sala de cinema. Aí, meu pai me pegou, me levou para cabine. Naquela época, havia meses que às terças-feiras só passava sessão para mulheres, sobre doenças venéreas, e às quintas para os homens. E meu pai me levou. Quando abriu a cortina para eu olhar, eu com 4 anos de idade, a primeira coisa que vejo: uma vagina cheia de gonorréia. Eu vi aquilo e me apavorei. Então o primeiro impacto que eu tenho do cinema é o terror. A coisa ficou na minha cabeça. Eu não consegui



entender o que era aquilo, uma coisa feia demais. Se tudo der certo, no ano que vem eu quero fazer um documentário retratando mais ou menos essa imagem que eu vi, nos anos 40. Depois desse impacto, veio um outro. No meu bairro, a Vila Anastácio, tinha um quitandeiro, o pessoal gostava dele, ele contava histórias, dava balas para as crianças. Um dia esse cara morre, e foi todo mundo para o velório. No velório, a mãe do falecido dizia: "Só os bons vão embora, os maus ficam". A esposa, naqueles seus quinze minutos de sucesso: "Por que eu não fui no seu lugar? Por que Deus não me levou? Como é que eu vou ficar aqui sozinha?". E os filhos falavam: "Vamos rezar para o papai voltar, vamos rezar". Eu achei legal, e então nós começamos a rezar. Aí o cara começa. Levanta uma mão. Levanta a outra. Senta no caixão. Eu achei aquilo fenomenal. Cheio de algodãozinho espirrando, eu não sabia o que tava acontecendo, mas eu não estava com medo. E do outro lado não tinha mais ninguém. Estava só eu e alguns amigos dele, até os filhos não estavam mais. Estava todo mundo do outro lado da rua. Aí já entrou o delegado com revólver para cima do homem, o padre: "Segue reto, Satanás! Segue reto, Satanás!". Pô, coitado do homem... A mulher pede o desquite, ninguém mais quer saber. O homem não tinha morrido, foi catalepsia. E ninguém quis mais saber do homem. Ninguém quis mais comprar batatas, mandaram ele embora. Foi para outro bairro. O boca-a-boca fez com que ninguém desse emprego para o homem, e ele foi entrando numa solidão até a loucura. Dois anos depois esse homem morre, e eu peço ao meu pai para me levar no enterro. Só fui eu do bairro, ninguém mais. E aí começou o meu interesse. A primeira cena de terror, a que eu falei. Aí eu via o problema da morte, todo mundo fala: "A pessoa não devia ter ido, devia ter sido eu". Aí a pessoa volta e as outras ficam com medo porque ele voltou. Então ficou esse complexo. E daí em diante até hoje eu não parei de estudar a morte, e minhas fitas passaram a tratar deste tema. Daí o meu interesse pelo terror. Um pela imagem feia, que eu nunca tirei da cabeça, que a vida inteira me atormentou e ainda me atormenta, e que eu nunca consegui retratar. Então vou ter que fazer um documentário que eu acho que vai ser bem aterrorizante. E esse problema da morte, com o cara que morreu, que eu retratei no *Finnis Hominis*. Coloquei a cena do cara que estava morto exatamente como eu vi. Ele tirando uma mão, depois a outra, e levantando do caixão. Na verdade todas minhas fitas tem trechos da minha vida. O Zé do Caixão nasceu de um sonho que eu tive com uma pessoa de preto. Eu conto no *Esta noite* mais ou menos o que aconteceu. Então todas fitas tem algum trecho da minha vida.

### 3X4 – De onde vinham aquelas cobras, aranhas dos filmes?

Mojica – *Encarnação* você sabe, tudo que eu fiz com as atrizes. Cansei de ouvirem dizer que eu era um sádico. Agora vão me chamar de masoquista. Porque no *Encarnação*, eu deito, é ao contrário. Não são as mulheres que enfrentam as aranhas, sou eu. Quem enfrenta cobra sou eu. Uma quase me cegou. O bote que ela me deu bateu quase aqui nos olhos. Mas eu fiz questão que a cobra ficasse bem colada nos meus olhos. Então tudo que eu fiz com as minhas meninas, eu enfrentei. E a menina que faz a cena das baratas é a minha mulher. Então não quis que ninguém sofresse com isso, a não ser eu e ela. Só nós. Não forcei ninguém, quando o pessoal disse: "Não vamos ficar perto". Não, fizemos a cena os dois juntos. Mas tudo que eu fiz os outros passarem, eu fiz questão de passar nessa fita, para mostrar que é possível. Se, no passado eu tinha 30 anos, claro que se fosse a cena de eu fazer, eu ia fazer. Eu nunca tive medo. Eu fiz cenas piores de pular, de quebrar perna, de quebrar braço, de quebrar costela. Então eu nunca me importei. Eu nunca quis dublê, só quando já não posso mais. Hoje não dá para mim fazer uma cena de uma corrida como eu quero. Então tem que usar um dublê. Mas aí na interpretação eu vou em frente e não quero ninguém. Se tem que levar um soco, prefiro eu levar um soco de um cara. Para levar um soco, então levo eu.

### 3X4 – E como começou essa história de dar a cara pra bater?

Mojica – Essa fama eu criei no *Diabo de Vila Velha*. O cara era um sádico e queria que eu apagasse um charuto na mão. Eu falei: "não, eu apago se você fizer um close". O cara sabia que eu entendia de cinema... Aí eu apago. Se assistir o *Diabo de Vila Velha*, que eu recuperei agora. Ele queria que eu levasse chicote de rabo de tatu nas costas. Eu falei: "Não, não. Eu quero close. Eu quero que me bata na cara. Pode descer o rabo de tatu, não tem problema, mas pegue". E eu coordenando: "Lente 75, câmera de lá". Aí mandaram fazer. Depois, diante de um espelho: "Não, por que tem que ser bala de verdade...". Eu falei: "Não vai



rachar o espelho". A mesma coisa aconteceu em *Encarnação*. Olha que eu fiz o *Diabo de Vila Velha* em 65. Hoje nós estamos em 2007 e de repente se repete a cena do espelho. O pessoal querendo estourar o espelho com bala. Você vai ver no *Diabo de Vila Velha* as balas passando aqui em mim, direto, balas de verdade, que não estouraram. Aí dessa vez os caras já eram mais inteligentes. Eu falei: "Vocês não vão conseguir. Peguem um pedaço de pau". Então quando o cara mete a bala, que eu estou assim, a imagem no espelho, o cara mete o pau no espelho, no mesmo instante que o cara atira. Então você vai ver o espelho se despedaçar, mas não foi com a bala, foi com o pedaço de pau. Senão não despedaça. Você pode meter quantos tiros quiser no espelho, que não quebra o espelho. Então já agora em 2006, não passei o apuro que me fizeram passar com o tiro de verdade. Deu para o pessoal entender que dá pra se fazer de outra maneira. Não precisa matar uma pessoa para fazer um negócio desses, porque se o cara erra, eu morro. E no dia em que eu fiz a fita, o pessoal com tanto medo, que só ficou meu pai, que eu levei do Paraná para fazer a fita. Mas até o câmera, ligou a câmera e correu, porque achou que o vidro ia espatifar. E o cara era do exército, eu falei: "Não, não. Eu fico aqui". Ele: "Olha, seu Mojica, o senhor não vira nem prum lado nem para o outro". E eu: "Não, pode dar que eu sou ator. Não tem problema." Então as balas passam, aqui. Só ficou olhando meu pai, que sabia que eu ia ficar. Não ficou nenhum da equipe. Nem Milton Ribeiro, que trabalhava na fita: "Nossá, esse homem, isso aqui vai virar espelho para todo o lado". Eu falei: "Não, não vai estourar porta nenhuma". E não estourou. Ficou legal a cena.

### 3X4 – Como foi a parceria com o roteirista Rubens Luchetti?

Mojica – Luchetti era um amante fanático do terror. Só que ele deu azar. Ele fez para mim todos os roteiros de história em quadrinhos, todos os roteiros da televisão, mais de 60 programas, muito mais. Onze, doze roteiros para cinema. E deu a zebra d'ele não ter conseguido fazer, nem *À Meia Noite*, o roteiro é meu, nem o *Esta Noite*, o roteiro é meu. E o *Encarnação*, o roteiro é meu. Tive aí a ajuda do Dennison Ramalho. Infelizmente as três fitas, que eram o sonho do Luchetti. Quem sabe se eu fizer a continuação do *Encarnação*, eu dou para ele. Mas eu não podia dar um roteiro que já tava feito quando eu conheci o Luchetti. Luchetti eu conheci em 1966. Ele viu o *À Meia Noite* e ficou impressionado. Quando ele viu o *Esta Noite*, mais ainda. Então ele queria me conhecer. Ele falou: "Quero conhecer esse louco!". Porque gostava de terror demais. Ele escrevia para uma revista chamada *Terror Negro*. Aí fui apresentado. Antes de sair a Embra, tinha o INC [Instituto Nacional de Cinema]. Aí o cara que era presidente do INC conhecia o Luchetti e nos apresentou. Luchetti é um cara legal, mas de uma timidez que não tem tamanho. Conversamos numa casa de chá. Ele foi no meu estúdio, que eu tinha alugado. Era uma Sinagoga espírita enorme, esquisita. Você entrava, os ratos estavam sempre passando, aranha solta. No segundo que adentrou, ele diz: "Nossá, eu ouvi falar tanto, mas não acreditava que era assim". E gostou do aspecto ali dentro. Fez umas declarações, falou sobre isso tudo. Eu senti por ele não ter participado das outras filmagens. E daí começou. O primeiro roteiro dele foi a *Trilogia do Terror*, onde eu acabei dando uma história para o Candeias fazer, outra para o Luís Sérgio Person, e eu fiz *Pesadelo Macabro*. Ele se saiu bem quando fez *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*. Aí não podia fazer *Encarnação* que já estava feito o roteiro. Ele veio fazendo outros trabalhos comigo, chegou assim a 12 trabalhos. A gente se dá muito bem, quando eu preciso dele, telefone, troca-

mos algumas idéias, e é como eu falei. Ele tem um único filho que também seguiu o caminho dele, escreve muito bem, e faz muitos livros de bolso, essas coisas todas. Vive disso, mas ele mora digamos a 400 Km de São Paulo e vem uma vez por ano, a cada dois anos, que ele dá uma chegada. Eu, quando vou pra aqueles lados dele, dou uma chegada lá para ver ele. Agora por telefone a gente se comunica umas três, quatro vezes por ano. É que a minha vida é muito corrida, ele sabe disso. Mas de qualquer maneira eu vou dar a idéia d'ele fazer a continuação do *Encarnação*.

### 3x4 – Você poderia falar sobre o Estúdio Sinagoga?

Mojica – A Sinagoga. Eu sonhava sempre em ter um estúdio esquisito, diferente de tudo que era estúdio de cinema. Eu já tinha visto tudo, né? Aí vem lá uma moça e diz: “Olha, no Brás tem um negócio que se o senhor ver, o senhor vai cair, uma sinagoga espírita, com uma lenda famosa. Um rato que andava, que era a encarnação do marido da dona da sinagoga, e ele andava assombrando todo mundo e ninguém conseguia descobrir o que acontecia com o rato”. Então achei isso legal, pegar um lugar com uma lenda famosa do rato. E aquilo interessou a Sílvia Santos, a muita gente. Todo mundo ia lá filmar, todo mundo ia ver. Você olhava assim, tinha coisas estranhas, espíritas desenhadas no teto. E era uma imensidão. E tinha o eco que você falava e BAAAAA, vinha de lá pra cá. E realmente os ratos dominavam. Eu, para enfeitar um pouco mais, coloquei um anúncio no jornal, que eu queria ratos brancos. E aí me trouxeram ratos brancos, que já tinha muitos ratos pretos. Aí eu joguei aquele número de ratos. Então, você estava lá sentado e de repente aparecia um rato mancando, sem uma perna. Então era um cenário fantástico, digno de terror, e que o Luchetti ficou também impressionado com aquilo, e todo mundo ficava impressionado. Eu realmente tinha aquilo pra impressionar mesmo. Então vinha as pessoas do exterior. Aí eu saí também no *Guinness*, nos anos 70, como o estúdio mais estranho que se viu no mundo, que era realmente estranho. E tinha a lenda do rato, que vai daqui, vai de lá. Todo mundo via, só eu não via. Tinha um amigo, que tá comigo até hoje, na idade de 50 anos. O rato fez ele subir quase uma parede, porque o rato ficava de pé, e todo mundo só falava no rato. Aí um dia eu resolvi, estava já o cenário do *Esta Noite*, eu resolvi dormir. Só a luz do luar, a cama do cenário. Fiquei, e quis ficar sozinho. Queria ver o raio do rato. Aí tô deitado, não acreditava. E aí começa, PAC PAC PAC PAC PAC PAC PAC PAC. Quando dou uma olhada para a luz, aquela silhueta negra do rato, em dois pés, vindo para mim. Puta que pariu! Eu peguei um raio d'um pau, e se o bicho não sai nas patinhas correndo eu ia dar. Mas, eu fiquei com aquilo. Escutei coisas estranhas, que eu não tenho explicação, não sei explicar. E fui falar com a dona. Ia dizer que o rato existia, e que era um rato desse tamanho e que andava em duas patas e que todo mundo via. Aí eu fui procurar com ela o que acontecia. O marido dela dava no raio do rato? Ela falou: “É o seguinte: o meu marido usava a sinagoga, e era uma sinagoga, depois passou a ser espírita, porque ele é espírita, e deixou os desenhos da sinagoga lá em cima. Mas o problema é que todo o ano, num determinado dia, ele chamava todos os mendigos, arrecadava dinheiro e dava comida para os mendigos. E aí ele parou, ele morreu, e ninguém mais deu

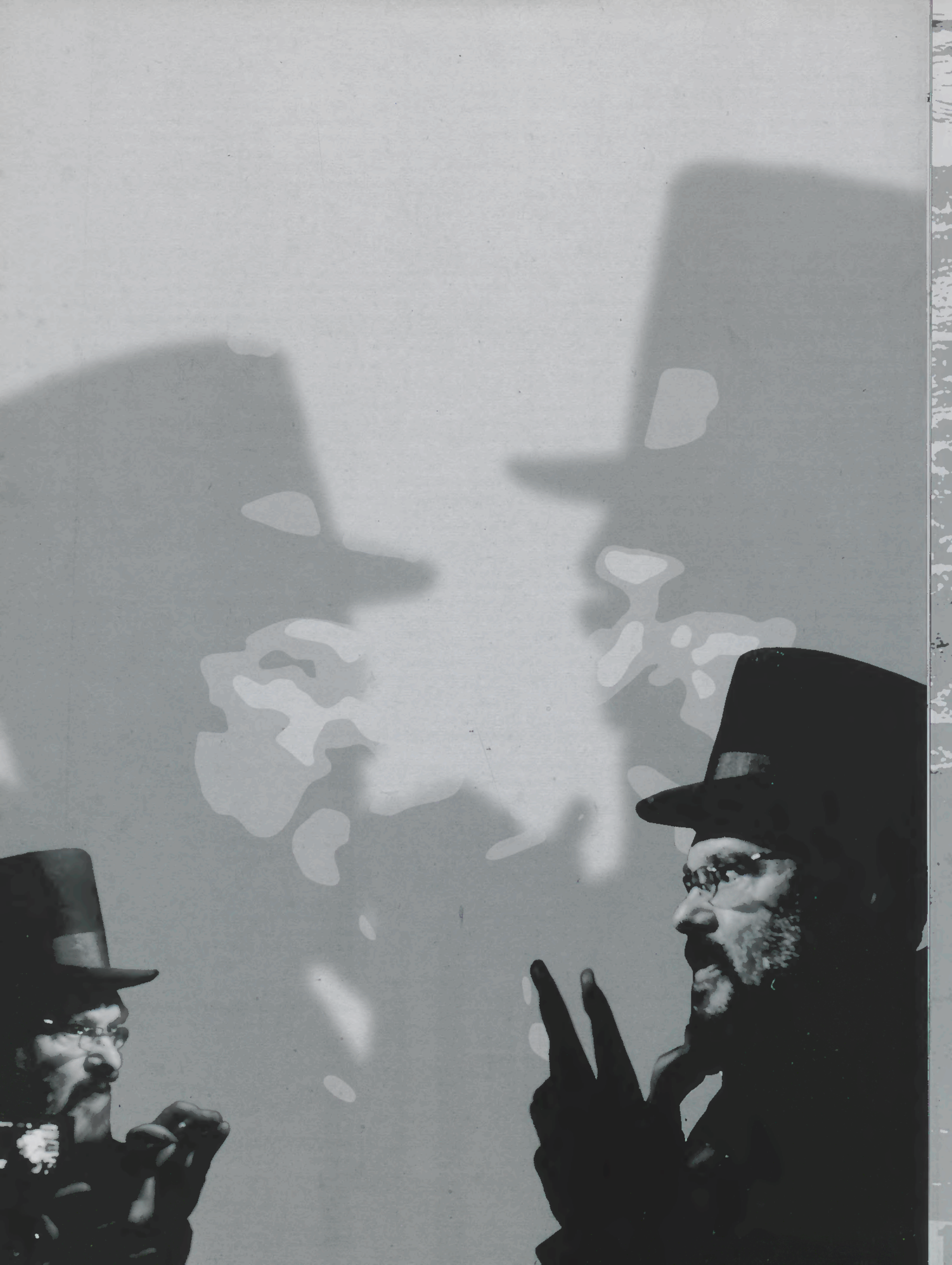
comida para os mendigos do Brás”. Então ela achava que ele vinha tentando falar, passar essas coisas para as pessoas. Aí eu fiquei meio instigado com aquilo e quis fazer um teste. Mandei realmente o pessoal fazer uma vaquinha. Tinha seiscentos alunos, quase setecentos alunos. Então todo mundo fez uma vaquinha com a família, juntamos um bom dinheiro, compramos mantimentos a valer, e marquei o dia. Ficou uma fila assim de umas quinhentas pessoas. E demos a dita comida que o marido dela dava. Coincidência ou não, nunca mais apareceu o rato. Pessoal gostava de jogar carta, mas não jogava por que o rato aparecia. Eles saíam correndo. Depois eles faziam carteadado, brincadeira de cartas. Enfim, todo mundo freqüentava, faziam ensaio, virou lá lugar para música, para cantarem, acabou a assombração. Ninguém queria por causa do rato, ninguém aceitava. Depois servia para tudo. Tudo que era coisa estranha, o pessoal ia, me alugava o estúdio. E o rato nunca mais apareceu. E a esposa dele, ainda até hoje viva. Ela tá com 90, quase 100 anos. Ela diz que era o marido. É que eu fui o único que compreendeu o marido e dei a comida para os mendigos. Então ele está em paz. Aí, para quem acredita nesse negócio de espírito. Essa foi a história da sinagoga, que hoje, infelizmente, quando eu quis pegar outra vez, foi uma tristeza. Acabaram com ela e virou um estacionamento. Então por isso que eu não aluguei ela outra vez.

*“Eu tive que trocar de Ritual dos Sádicos para o Despertar da Besta. Se eu tivesse feito o Encarnação, eles me queimavam os negativos como tentaram queimar o Despertar. Tentaram queimar, briguei, fui preso, fiz, mudei... Hoje eu tenho uma fita que nunca foi exibida comercialmente em cinema, a não ser em festival. Ela saiu em DVD agora, mas em cinema só passou em festival. E ela é considerada a maior obra minha, não só no Brasil como no mundo todo”*

### 3x4 – O que você pode falar a respeito do filme *O Despertar da Besta*?

Mojica – A fita é de 1969. E o que eu pretendia deu certo. Era o que eu achava que ia acontecer com o *Encarnação*. O *Despertar* sobreviveu. Era o *Ritual dos Sádicos*. Na época, falaram que nem o título me liberavam. Eu tive que trocar de *Ritual dos Sádicos* para o *Despertar da Besta*. Se eu tivesse feito o *Encarnação*, eles me queimavam os negativos como tentaram queimar o *Despertar*. Tentaram queimar, briguei, fui preso, fiz, mudei... Hoje eu tenho uma fita que nunca foi exibida comercialmente em cinema, a não ser em festival. Ela saiu em DVD agora, mas em cinema só passou em festival. E ela é considerada a maior obra minha, não só no Brasil como no mundo todo. E a censura me segurou. Simplesmente porque eu falei o que tava acontecendo no momento. Nessa fita trabalha o que foi mais poderoso no Brasil, vocês devem ter ouvido falar no ‘Esquadrão da Morte’. Era uma época que se matava e se jogava num canto. E eu tenho todo ‘Esquadrão’, Fleury, Sininho, todos eles estão participando da fita. Eles vieram me prender sobre drogas, mas eu não vendia. Aí eles acabaram sabendo que eu era o Zé do Caixão e me ajudaram a falar sobre as drogas, que eu não entendia porra nenhuma de drogas. Eu estava fazendo a fita pela revolta que eu tinha, de ter visto uma mulher que era usuária de drogas. Eu tava conversando com o delegado e levaram ela presa. Entraram chutando a barriga dela. Aí eu coloquei os meus seguranças para ver se ela saía. Mas ela nunca saiu. Conversei com as amigas dela. Ela entrou e nunca saiu. Então, mataram essa mulher porque ela fumava. Mas ninguém ia atrás dos traficantes. Ninguém ia atrás das plantações de drogas. Então a revolta minha foi muito grande. E eu parti para fazer essa fita, sem entender. Aí, estive com o pessoal do ‘Esquadrão’. Eles entendiam de drogas, e me ajudaram. E realmente, a fita ficou perfeita. É considerada minha maior obra, mas nunca foi exibida. A ditadura não deixou. Se fosse o *Encarnação* eles queimavam. Vocês vão ver. Não sei se lanço esse ano, a data prevista é para março. Dia 13 de março do ano que vem, meu aniversário, é a data prevista de lançamento. Deve ter algumas exposições especiais, tanto aqui como no exterior. É uma fita que a cada dois minutos o seu coração vem para a boca.





# Surfista de ondas grandes

relato de Pedro "Manga" Aguiar  
pedrosva@hotmail.com

Sendo um surfista que ama ondas grandes, confesso que a possibilidade de morrer no mar já passou pela minha cabeça algumas vezes. Seja em situações que eu mesmo vivi, seja em situações envolvendo outras pessoas, tenho na memória momentos relativamente críticos. **Mesmo assim, não creio que os riscos de morrer surfando ondas grandes sejam maiores que o risco de se tomar um tiro ao dirigir, à noite, em uma cidade no Brasil, por exemplo.**

O que me intriga, no entanto, é a diferença de natureza entre os riscos envolvidos em surfar um mar sinistro e andar em uma cidade à noite. O que torna o risco envolvido na prática de esportes radicais um risco peculiar é o fato de que **os praticantes se colocam, deliberadamente, em situações críticas, indo contra qualquer instinto de sobrevivência,** ao contrário de alguém que está voltando para casa após mais um dia de trabalho em São Paulo, por exemplo, e corre riscos involuntariamente.

Quando penso sobre o assunto - porque pessoas se colocam por vontade própria em situações que podem resultar em conseqüências desastrosas -, não consigo entender muito bem o porquê desse tipo de comportamento. Creio, no entanto, que **a sensação do momento do ato é um dos elementos motivadores para os praticantes de esportes perigosos** - a boa e velha descarga de adrenalina. É uma droguinha viciante. A pessoa quer continuar a experienciar repetidas vezes tal sensação. Além disso, no caso do surfe, especificamente, **o ato de se colocar dentro de uma onda perfeitamente esculpida e espelhada é realmente uma experiência muito bonita.**

O fato, independente de fatores motivacionais, é que quem gosta de esportes radicais acaba se colocando, freqüentemente, em situações nas quais existe a possibilidade de algum acidente fatal ocorrer. Colocar a si próprio nessas situações é uma decisão consciente. Existe um momento preciso em que o cidadão decide se comprometer com uma situação de risco. O curioso é que a oportunidade que se esta buscando é justamente uma chance para entrar em uma região extremamente perigosa, então é aconselhável que se busque uma tarefa que apresente boas chances



de ser realizada. **É bom que se entre nessa área de perigo com os riscos razoavelmente calculados.** Procura-se por uma situação ideal. No caso do surfe, busca-se estar em posição perfeita para uma onda perfeita.

Quando a situação ideal chega, no entanto, sabes instantaneamente que o momento chegou. Fica evidente que a hora chegou. Esse é o momento em que surge uma oportunidade perfeita para se executar determinada manobra. Para o surfista, surge uma onda que, finalmente, o faz pensar: "vou tentar descer essa onda". **Ao mesmo tempo em que você está com medo, você quer ir em tal onda, pois ela é perfeita e você quer tentar completá-la.**

Sendo assim, o surfista vira sua prancha em direção à praia e passa a remar com força para entrar na onda. Quando começa a descer a, antes ainda de ficar de pé em sua prancha, **ele passa do ponto de onde não há mais retorno.** A partir desse momento, o surfista não pode mais voltar atrás. Ele passa a estar na zona mais perigosa do mar. O surfista passa a estar em águas rasas e com uma onda potente armada em suas costas.

O que se passa nesse momento é algo curioso. **É como se o mundo congelasse.** Seus pensamentos congelam. A tarefa que tens pela frente se torna tudo que existe no universo. Nada mais a sua volta tem importância alguma. Você está altamente concentrado. Um nível de concentração superior ao seu nível de concentração habitual. **Pensamentos, ansiedades, nada disso existe.** Estás livre de suas preocupações cotidianas. Sabendo que já entraste na zona de maior perigo e que não há como sair dessa situação, a não ser que você complete a onda intacto, você só tem uma opção: ir até o fim.

Estranhamente, nesse momento, há uma sensação de recompensa e satisfação com o momento que estás vivenciando. **Ao mesmo tempo em que tens medo da situação em que você se colocou, você está curtindo o momento, o fato de estar dentro de uma grande onda, com tanta energia ao seu redor. Você nem venceu o desafio.** Ainda está no lugar mais perigoso possível, mas já tens uma sensação de satisfação. É como se surfar a onda fosse uma recompensa, e não o desafio propriamente dito. Você está se sentindo recompensado antes mesmo de vencer

o desafio. Você finalmente encontrou a oportunidade que queria encontrar, aquilo que era o objetivo da situação toda. Às vezes penso que o maior medo, no fim das contas, é o medo de não encontrar uma oportunidade para realizar determinado desafio, e ter que voltar para casa decepcionado.

**Mesmo que os números comprovem que raramente se morre praticando algum esporte radical, os praticantes desses esportes perigosos sabem que, caso cometam qualquer erro, podem vir a fazer parte dessa rara estatística.** Isso nos dá a nítida sensação de que estamos nas mãos do criador, o que é, na minha visão, algo verdadeiro para qualquer pessoa em qualquer situação, mas muitas vezes tendemos a nos distanciar dessa realidade.

Estranhamente, quando estou longe do mar, em alguma cidade grande e correndo o risco de ser morto durante um assalto - risco que estatisticamente é muito maior do que o de morrer surfando -, me sinto mais distante dessa sensação de estar nas mãos do criador. **Penso que o fato de estar em contato com a idéia de morrer faz com que se evolua também como ser humano.** Por saber que em breve estarei me colocando em uma situação crítica, nunca sei se encontrarei uma oportunidade para corrigir um erro ou uma atitude negativa. Isso me faz tentar sempre agir corretamente e ser respeitoso com as pessoas ao meu redor. **Me faz apreciar cada momento como se fosse o último.**

Depois de fazer algo perigoso se fica com a sensação de que se trapaceou a morte. Você se colocou na pior das situações e sobreviveu para contar a história para os seus amigos. É divertido enquanto você está se dando bem. Sua sorte, no entanto, pode acabar a qualquer momento. Muitas pessoas, mesmo assim, passam a vida inteira vivendo no limite. Elas passam a amar tanto a sensação de adrenalina que ficam viciadas pelo barato. Tal atividade perigosa passa a ser uma parte central da vida da pessoa. Forma-se todo um estilo de vida em torno de tal atividade. Você quer evoluir no seu esporte, fazer coisas cada vez mais complexas, e tem que continuar correndo riscos para isso. **Quem vive assim geralmente ama seu estilo de vida, e não trocaria sua vida por uma mais segura...**



# A morte de um símbolo

Leonardo Mazzarolo  
leomaz@gmail.com

A morte de uma celebridade sempre é acompanhada de uma multidão de fãs chorando a perda de um ídolo que, na maioria das vezes, nem chegaram a conhecer ao vivo. Muitas delas são cercadas de suspeitas conspiratórias, como o caso da princesa Diana, e outras por supostas falhas humanas, como o acidente com Ayrton Senna.

O interessante mesmo é perceber que a morte de uma pessoa famosa não significa somente a morte de um indivíduo, mas também a perda de um símbolo. Seja um defensor da não-violência como Ghandi ou um guerrilheiro da esquerda latino-americana como Che Guevarra, representa a perda de alguém que as pessoas tinham como um líder. A ideologia e as convicções que os ídolos carregavam, no entanto, continuam vivas.

## O fim do herói brasileiro

Muitos ainda eram pequenos quando Ayrton Senna deu seu último suspiro. Em 1º de maio de 1994, um acidente no circuito de Imola, na Itália, foi capaz de matar um dos maiores ídolos brasileiros. Segundo investigações, a causa da morte teria sido a negligência de técnicos em uma reparação na coluna de direção da Williams. No entanto, os acusados foram absolvidos. A morte de Senna chocou o país. Milhares de fãs acompanharam o enterro do piloto, no cemitério do Morumbi, em São Paulo, pelas imagens da televisão.

Senna foi um dos maiores heróis brasileiros e até hoje é lembrado por suas mais de 40 conquistas no automobilismo. Porém, sua fama não foi capaz de mantê-lo vivo, e aos 34 anos ele deu adeus ao mundo. "A morte de Senna mostrou que nem mesmo os heróis podem fugir da morte", expressou o estudante de Ciência da Computação Luis Felipe Bento Pereira, que na época tinha 9 anos.



## A teoria da conspiração

A morte da princesa Diana surpreendeu o mundo até mesmo no Brasil. Pessoas foram às igrejas rezando de carro em um túnel de Paris, na França, e até conspiratórias. Muitos acreditam que a morte teria sido um ato de vingança por parte de membros da família real britânica. Outros acreditam que a morte teria sido um futuro casamento do casal e o nascimento de um filho seria meio muçulmano e meio-irmão do futuro rei, o que colocaria em crise a sociedade inglesa.

As investigações sobre a teoria conspiratória da morte de Dodi, foram as mais caras já realizadas. O fato é que toda a suspeita em cima da morte transformasse de uma simples princesa em um

A previsão de  
A banda Mame  
um acidente de  
adolescentes que  
aconteceu quan  
de voo em um  
O mais inter  
aeronave qu  
no qual ele  
qual ele  
conquista  
sua mor

## A resistência de uma causa

Completando 40 anos neste ano, a morte desse guerrilheiro nascido na Argentina significou bem mais que a morte de um ídolo ou um herói. Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como Che Guevara, simbolizou a revolução de esquerda da América Latina contra os governos ditatoriais. É ele quem esteve ao lado de Fidel Castro na Revolução Cubana em 1959.

Foi executado com nove tiros no dia 9 de outubro de 1967, um dia depois de ser capturado na Bolívia, onde, junto com outros guerrilheiros, planejava começar uma revolução do continente. À época, não havia confirmação da morte do guerrilheiro, pois existiam dúvidas sobre sua verdadeira identidade, e o sumiço de seu corpo contribuiu para a confusão. Seus restos mortais só foram encontrados em 1997, em um local próximo ao da sua execução.

A morte de Che Guevara interrompeu o sonho de estender a Revolução Cubana à América Latina. No entanto, sua popularidade só cresceu depois de seu assassinato e, hoje, o líder é tido como símbolo de resistência da esquerda latino-americana.



u o mundo. O impacto foi tanto que  
grejas rezar por Lady Di. O acidente  
ça, é até hoje cercado de suspeitas  
norte teria sido um complô de serviços  
na e Dodi al-Fayed, pois não queriam  
nascimento de um filho dos dois, que  
do futuro rei da Inglaterra – o que

iratória proposta por Mohamed al-Fayed,  
realizadas. No entanto, concluíram que a  
origem do motorista. Complô ou não, o  
da morte de Lady Di fez com que ela se  
essa em um ícone mundial da paz.



## O símbolo da paz e do amor

Seu grupo foi o mais ouvido no mundo na década de 60, e sua fama se tornou a causa de sua morte. John Lennon foi um dos fundadores dos Beatles. Era o responsável pela maioria das canções do grupo, junto com Paul McCartney. O conjunto conquistou a juventude do mundo todo com suas baladas dançantes. Com o fim em 1970, Lennon seguiu carreira solo, gravando um dos maiores sucessos mundiais, o álbum "Imagine".

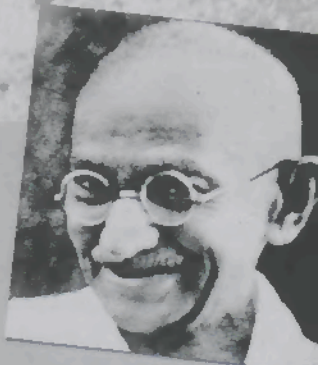
Foi assassinado na noite de 8 de dezembro de 1980 na frente do prédio onde morava, em Nova York (EUA), por um fã que havia lhe pedido um autógrafo no mesmo dia. O rapaz afirmou que atirou no cantor pois teria lido no livro "O Apanhador no Campo de Centeio" uma mensagem que dizia para ele matar Lennon.

A notícia de sua morte fez com que uma multidão se juntasse em frente ao prédio de sua residência, levantando velas e cantando suas músicas. Aos 40 anos, morria ali um dos símbolos da juventude dos anos 60 e da cultura de paz e amor dos anos 70.

## Previsão de morte

anda Mamonas Assassinas também teve um fim cruel. Em março de 1996, o grupo sofreu um acidente de avião que acabou com suas vidas. A morte foi um choque para uma geração de fãs que havia conhecido a banda há menos de um ano e que fazia dela seu ídolo. O acidente aconteceu quando o grupo voltava de um show em Brasília. O avião não conseguiu atingir altura mínima em uma arremetida e bateu contra a Serra da Cantareira, em São Paulo.

O mais interessante da história é que um dos integrantes do grupo, o Júlio, antes de entrar na aeronave que levaria a sua morte, contou que havia sonhado com um acidente de avião. O vídeo no qual ele fala isso pode ser assistido, inclusive, no You Tube ([http://www.youtube.com/watch?v=2kK\\_2eV0h8](http://www.youtube.com/watch?v=2kK_2eV0h8)). Com suas músicas de letras escrachadas, os Mamonas Assassinas conquistaram muitos fãs em pouco tempo. E isso foi suficiente para que milhares chorassem a sua morte naquele ano.



## O ícone da não-violência

Mahatma Ghandi foi o ícone e o defensor do protesto de forma não-violenta como meio de revolução. Através do princípio da não-agressão, ele conquistou milhares de seguidores na luta pacífica pela independência indiana. Ghandi ganhou fama internacionalmente com o uso do jejum como forma de protesto.

Ele foi morto em 30 de janeiro de 1948, assassinado a tiros em Nova Deli, na Índia. O responsável foi condenado e enforcado, apesar de o último pedido do líder ter sido a não-punição de seu assassino.

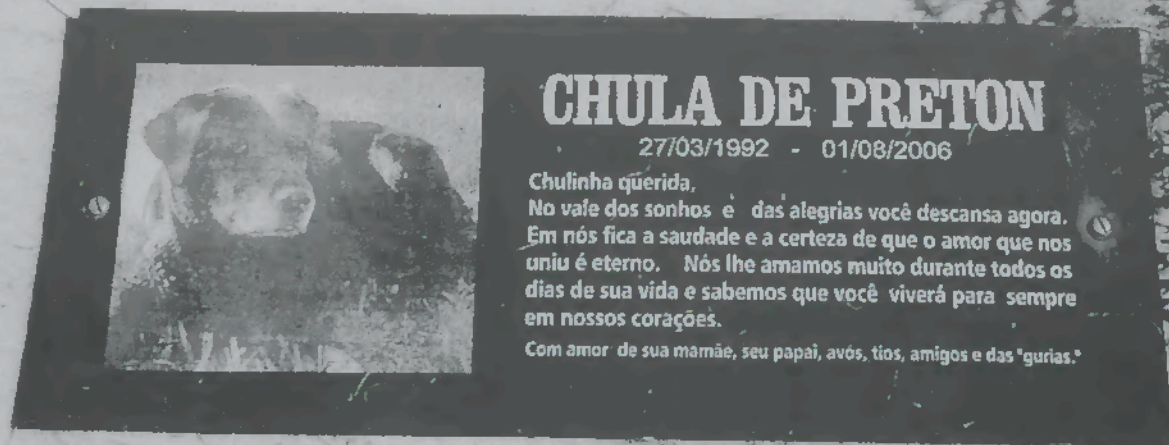
No entanto, a morte de Ghandi representou não o fim do movimento, mas sim o fortalecimento do povo indiano. O seu corpo foi cremado, e suas cinzas foram jogadas no rio Ganges, acompanhado pelos seguidores de seus ensinamentos de paz através da unificação.

## A lista negra dos famosos

Mas nem todos choram a morte de um ídolo. Muitos levam a passagem para outro mundo de forma irônica, e não faltam piadas sobre os que já se foram. Na Internet, rolam listas de quem será o próximo famoso a morrer. No site The Death List ([www.deathlist.net](http://www.deathlist.net)), há 50 nomes de prováveis candidatos a darem adeus ao planeta neste ano.

Nessa lista, em sexto lugar, aparece o nome do brasileiro Oscar Niemeyer, que no ano passado estava em oitavo. Também é possível dar uma olhada nas listas feitas desde 1987, no qual aparece, por exemplo, a previsão de morte do artista Salvador Dali em 1989. Baseado em "chutes" ou em análises mais complicadas, o fato é que as pessoas se divertem prevendo quem será a nova celebridade morta.

# Um Adeus Como a Gente



As demonstrações de amor a um animal de estimação podem ir bem além do que se pode imaginar e a perda desse animal pode significar, para alguns, a perda de um membro da família. Pensando em oferecer um lugar onde as pessoas possam sepultar seus animais mortos e render-lhes homenagens afetivas vem sendo criado nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, cemitérios de animais aos moldes dos cemitérios existentes para o sepultamento de pessoas.

No Rio Grande do Sul, o Cemitério Memorial Park é pioneiro nesta área e já é procurado por muitas pessoas que querem retribuir aos seus animais falecidos todo amor e o carinho recebido deles durante a vida.

Localizado em São Leopoldo (RS), o Memorial Park abriga aproximadamente 140 túmulos de animais a preços que variam de R\$ 180 a R\$ 1,4 mil. A grande maioria é de cães e gatos, mas já houve o caso de uma pessoa querer enterrar um cavalo, porém o cemitério ainda não está preparado para receber animais de grande porte, como informa José Maria Serra Prat, sócio-diretor do Memorial Park. Ele define o cemitério como um serviço social e ecológico que dá um destino digno aos corpos dos animais mortos, sendo também uma medida sanitária e ambiental para a saúde pública.

O sócio-diretor do Memorial Park salienta que o cemitério é um lugar de demonstrações sinceras de amor e sentimento profundo pela morte do bichinho querido. Quando questionado se já presenciou uma despedida mais emocionante, Serra Prat é enfático em afirmar que todas as despedidas de donos a seus animais mortos são igualmente emocionantes, não há uma que não seja. Segundo ele, quando se sepulta uma pessoa, os parentes, às vezes, choram porque o falecido não deixou nenhuma herança e, em muitos casos, deixou apenas dívidas e somente uma pequena parte das pessoas choram por um sentimento puro e real. Porém, quando se sepulta um animal, o dono chora só pelo amor e o carinho que o animal lhe deu em vida e que não vai ter mais.

Serra Prat acredita que a morte de um animal de estimação causa uma grande emoção e tristeza em seu dono. Isso pode ser confirmado em uma breve caminhada entre os túmulos do Memorial Park. Percorrendo os acessos do cemitério é possível ter uma idéia do tamanho do carinho que as pessoas tinham por seus animais apenas lendo algumas das mensagens escritas nas lápides ou observando os objetos deixados em alguns túmulos. Em um deles, foi colocada a bola de futebol que um cãozinho costumava brincar quando era vivo. Talvez esta tenha sido a maneira que o dono encontrou para externar o afeto pelo amigo canino morto.

Nos feriados, sábados e domingos, várias famílias vão ao Memorial Park levando seus filhos e outros animais para visitar e cuidar dos túmulos. Elas levam flores para enfeitar a última morada daqueles que, em vida, lhes proporcionaram muitos momentos de alegria em troca de um simples afago ou simplesmente vão passear e matar saudade.

O perfil dos clientes que buscam o serviço do cemitério é variado. Engloba pessoas de todas as classes sociais e níveis econômicos, mas as pessoas de poder aquisitivo alto e com mais de 50 anos são as mais dispostas a dar um lugar digno aos seus animais falecidos.





## A PALAVRA DA CIÊNCIA

Uma pessoa que perde um animal de estimação geralmente passa por um período luto normal, caracterizado pela tristeza, pela melancolia e, se ela for alguém que já tem uma estrutura frágil, pode viver a perda como um momento especial de fragilidade maior e desenvolver luto patológico ou depressão. Com essa colocação, Maria Luiza Castilhos Flores Cruz, psicóloga do Setor de Saúde Mental do Centro de Saúde Modelo, revela como a psicologia encara a questão da perda de um animal de estimação. Para ela, ninguém fica doente por um evento único da perda propriamente dita e, portanto, não é normal uma pessoa desenvolver um luto patológico, única e exclusivamente, em função da morte de um animal de estimação. A pessoa que desenvolve um quadro depressivo ou sintomas semelhantes certamente já passou por um fator desencadeador que pode ter sido causado por outras situações de forte emoção enfrentadas por ela.

## A CONTRIBUIÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA

Um estudo desenvolvido pelo Centro de Anestesiologia e Controle da Dor, do Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFGS) descreve a abordagem sobre a conduta médico-veterinária frente a pacientes irreversíveis. A decisão no atendimento intensivo e na terapêutica clínica expõe o profissional veterinário a dilemas consideráveis, envolvendo ética profissional, bem-estar do paciente e aprovação por parte dos responsáveis pelo animal.

O estudo, que teve a participação da doutora Kelly Cristini Rocha da Silva Ferreira e de mais seis médicos veterinários do HCV, apresenta a definição das categorias para avaliação do modo de morrer em medicina veterinária. Todavia, não há um instrumento validado para avaliação do modo de morrer em medicina veterinária. Foi, então, necessário constituir um modelo a ser testado no âmbito médico veterinário, em parte, transpondo itens já utilizados em instrumentos aplicados em medicina humana. Os critérios foram estabelecidos da seguinte maneira: 1) *não resposta a manobras de reanimação* - a morte do animal ocorre mesmo tendo sido oferecidos todos os recursos terapêuticos disponíveis, incluindo tentativas de ressuscitação cardiopulmonar; 2) *decisão de não reanimar o animal* - uma decisão prévia à ocorrência de uma parada cardiorrespiratória, devidamente discutida com a equipe e proprietários, no sentido de não submeter o animal a medidas de reanimação; 3) *não-adoção de medidas de suporte de vida* - é tomada a decisão de não instituir uma terapia medicamentosa apropriada e potencialmente benéfica, com entendimento que o paciente provavelmente irá morrer sem



a terapia em questão; 4) *eutanásia* - destinada a pacientes em decorrência de condições clínicas dolorosas ou incuráveis e, nestes casos, o óbito deverá ocorrer sem que haja sofrimento e sem a precedência de estresse adicional para o animal. Contudo, procedimentos visando o conforto do paciente, como alimentação, hidratação e controle da dor devem ser mantidos nestes casos. No caso da eutanásia, os critérios a serem seguidos têm por fundamento a utilização de métodos indolores que conduzam rapidamente à inconsciência e morte, que evitam excitação dos animais e que sejam apropriados para a idade, espécie e estado de saúde do animal.

## UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE VIDA

Aumento da auto-estima e sensação de importância. Esses são os benefícios que Leyla Hiasnorte Rebello, presidente da Federação Cinológica do Rio Grande do Sul, acredita que a convivência com um cão trás para seu dono. Para ela, a pessoa sofre com a morte do animal de estimação. Talvez não se compare com a morte de um parente, mas há sofrimento pela perda do animal querido.

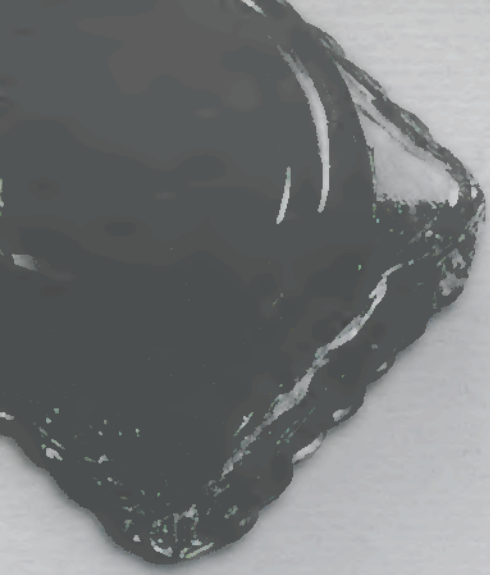
Leyla acredita que a pessoa sente uma angústia muito grande a ponto de, passados alguns anos, lembrar de gestos e atos que o animal fez em determinado dia. Ela relata que, em sua própria família, já teve experiência com a morte de uma mascote. Seu filho mais velho tinha uma cadela que era muito importante para ele e, com a morte do animal, o jovem sofreu muito.

Leyla afirma ainda que a morte de um animal de estimação pode preparar a pessoa para perdas maiores. Em suas palavras Leyla

Rebello diz que a vida prepara para a morte e a morte prepara para a vida, ao referir-se à experiência da dor da morte do animal, vivenciada pelo seu dono. Ela fala com a experiência de vida de quem cria 85 cães de raça em um sítio localizado na zona sul de Porto Alegre e outros 40 cães vira-latas, que ela recolhe pelas ruas e chama carinhosamente de menores abandonados. Aos 77 anos, ela dedica todo amor e carinho possível a todos seus animais de estimação.

Sidney Alves de Assis  
sidneyassis@pop.com.br





# Sob o Olhar dos Poetas



A pétala seca marcava a página que tantas vezes fora vista. Com o livro nas mãos e as lembranças nos olhos, lia incessantemente sua própria busca por respostas. Queria, através das palavras de outro, decifrar o que lhe atravessava os dias.

Os dias, os meses, os anos e cada segundo. O tempo que marca o espelho também vaza nas ausências. A consciência da proximidade com a morte nos torna racionais. Entretanto, não há resposta qualquer que acalme essa fuga pesada no peito.

A questão é tão antiga que Eurípides, um dos principais poetas gregos, já deixava registrados na história alguns versos sobre o tema. A visão trágica sobre a vida, comum a todos escritores da época, pode ser sentida nas linhas de um de seus poemas.

*Morrer deve ser como não haver nascido e a morte talvez seja melhor até que a vida de dor e mágoas, pois não sofre quem não tem a sensação dos males.*

O grego sugere na morte uma possível esperança para aqueles que sofrem na Terra. Mas isso pode ser apenas uma insinuação.

É interessante perceber que - embora seja a nossa única certeza, uma vez vivos - a morte é uma incógnita para todos. Alfredo Bossi, um dos principais críticos de literatura do Brasil, define a poesia como a expressão de um conhecimento intuitivo, cujo sentido é dado pelo sentimento que o provocou e o sustenta. Assim, o poeta é aquele que fala sobre aquilo que sente.

O sentimento de que são finitos nossos dias também se tornou poesia. O clássico poema "Se eu morresse amanhã", de Álvares de Azevedo (poeta da geração romântica conhecida como Mal do Século), traz essa angústia de não termos controle sobre esse incerto futuro, que apenas poderemos imaginar.

*Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã:  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!*

*Quanta glória prossinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perderei chorando essas cores  
Se eu morresse amanhã!*

*Que sol! que céu azul! que doce n'álva  
Acorda a natureza mais louça!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!*

*Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!*

Embora Álvares de Azevedo seja conhecido pelo apego à morte, também podemos perceber sua preocupação com as consequências que o tema pode acarretar. Manuel Bandeira, poeta admirado até hoje pelo lirismo e pelo olhar sobre as coisas simples, prefere não deixar nada. Bandeira zera sua participação por entre os que vivem. No poema "A morte absoluta", o autor procura extinguir até mesmo seu nome.

*Morrer.  
Morrer de corpo e de alma.  
Completamente.*

*Morrer sem deixar o triste despojo da carne,  
A exangue máscara de cera,  
Cercada de flores,  
Que apodrecerão - felizes! - num dia,  
Banhada de lágrimas  
Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.*

*Morrer sem deixar porventura uma alma errante...  
A caminho do céu?  
Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?*

*Morrer sem deixar um sêco, um ríseo, uma sombra,  
Lembrança de uma sombra  
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,  
Em nenhuma epiderme.*

*Morrer tão completamente  
Que um dia ao lerem o teu nome num papel  
Perguntem: "Quem foi?..."*

*Morrer mais completamente ainda,  
- Sem deixar sequer esse nome.*

No mesmo poema, Bandeira diz que as lágrimas são nascidas menos da saudade do que do espanto da morte. Para o poeta, o encontro com a morte de alguém apenas mostra a nossa própria história e fragilidade. E são nesses momentos, em que a mente se depara com a fraqueza do corpo, que cada um busca o caminho que lhe torna mais forte.

Augusto dos Anjos lidava de um jeito bem peculiar com seus tormentos. De uma escrita pesada, ele tratava muito com a distinção entre o corpo e a alma. Buscava respostas para uma possível existência espiritual. Entretanto, cansava-se. A partir disso, profetizava apenas o corpo, como um resultado científico do ser. Vemos isso em "Versos a um coqueiro", por exemplo:

*Numerar sepulturas e carneiros,  
Reduzir carnos pedres a algarismos,  
Tal é, sem complicados silogismos,  
A aritmética hedionda dos coqueiros!  
Um, dois, três, quatro, cinco... Esterismos  
Da morte! E eu vejo, em fulgidos letreiros,  
Na progressão dos números inteiros  
A gênese de todos os abismos!  
Oh! Pitágoras da última aritmética,  
Continua a contar na paz ascética  
Dos tábidos carneiros sepulcrais:  
Tíbias, cérebros, crânios, raios e úmeros,  
Porque, infinita como os próprios números  
A tua conta não acaba mais!*

A poesia também já serviu a homens que queriam transmitir suas idéias do que acontece após o corpo perecer. Dante Alighieri, talvez o maior nome da literatura italiana, escreveu a "Divina Comédia". Nos três livros que compõem a obra, Alighieri transmite a idéia que era pregada pela igreja católica no século XIV. A narrativa em versos traz a passagem do poeta pelo Inferno e Purgatório até chegar ao Paraíso.

Tu ó Graça abundante, me animando,  
Olhos fixar ouví na luz eterna,  
A visão almejada consumando,

Elá nas profundezas vi que se interna  
Unido pelo amor num só volume  
O que o universo se esquaderna

Já o russo Vladimir Maiakovski não tinha tais preocupações. Vanguardista e com um forte sentimento socialista, Maiakovski não agüentava as injustiças do mundo que o cercava. Sempre procurou alcançar o futuro através de inovações por sua sede de igualdade, mas não conseguiu mais esperar por esse tempo que nunca chegava. Seu futuro foi tão triste quanto o mundo que queria mudar. Cercado pela angústia, o poeta pôs fim a sua vida como descrevera em versos de "A Flauta Vertebral", que também serviram para dar adeus.

A todos vocês,  
que eu amei e que eu amo,  
ícones guardados num coração-caverna,  
como quem num banquete ergue a taça e celebra,  
repleto de versos levanto meu crânio.

Penso, mais de uma vez,  
seria melhor talvez  
pôr-me o ponto final de um balão.  
Em todo caso  
eu  
hoje vou dar meu concerto de adeus.

Memória!  
Convoa aos salões do cérebro  
um renque inumerável de amadas,  
Verte o riso de pupila em pupila,  
veste a noite de núpcias passadas,  
De corpo a corpo verta a alegria,  
esta noite floará na História,  
Hoje executarei meus versos  
na flauta de minhas próprias cérebros.

Já a poetisa Sylvia Plath, certa vez, deixou seu testamento poético antes de se render ao desespero. São suas "Últimas Palavras".

Não quero um simples caixão, quero um sarcófago  
Com rajás de tigre e um rosto em relevo,  
Redondo como a lua, para flutuar o alto,  
Quero estar de olhos netos quando eles chegarem  
Furando a mudez de minerais e raízes,  
Estou a vê-los - caras de astros remotos, pálidas,  
Agora não são nada, não são sequer bebês,  
Eu os conheço sem pai nem mãe como os primeiros  
deuses.  
Certamente indagarão se fui importante,  
Como fruta me cristalizgo e conservo meus dias!  
Meu espelho está se embaçando -  
Uns poucos talentos e ele nada reflete,  
As flores e as faces ficam brancas de pano.

Não creio no espírito. Foge como vapor  
Em sonhos, pelo furo da boca e dos olhos. Não o  
detenho,  
Nem voltará um dia. É o contrário das coisas,  
Elas duram, o lustrozinho íntimo delas  
Ainda morno de tanto manuseio, Titilando quase,  
Quando as solas dos meus pés resfriarem,  
O olho azul da minha turquesa me confortará,  
Deixem comigo minhas caçarolas de cobre, deixem  
meus potes de ruído  
Florem em volta como flores da noite de bom perfume,  
Embrulhar-me-ão com bandagens e depreciação meu  
coração  
Nos meus pés em lindo pacote,  
Eu não reconhecerei eu mesma. Tudo será turvo,  
E o resplendor dessas coisinhas, mais doce que a fave de  
Istar.

Hilda Hilst, ao contrário, sempre foi uma pessoa que exalou vida. Tanto que no poema "Para Poder Morrer", ela enumera situações que, enfim, terá que passar para um dia conseguir desligar-se, sempre em nome de uma nova vida.

Para poder morrer  
Guardo insultos e agulhas  
Entre as sedas do luto,  
Para poder morrer  
Desarmo as armadilhas  
Me estendo entre as paredes  
Derruidas  
Para poder morrer  
Visto as cambraias  
E apascento os olhos  
Para novas vidas  
Para poder morrer apetejada  
Me cubro de promessas  
Da memória,  
Porque assim é preciso  
Para que tu vivas.

Poetas, como Mário Quintana, também brincam com a morte. Quintana se foi, mas deixou suas graças a todos.

A morte é a libertação total: a morte é quando a gente pode, afinal, estar deitado de sapatos.

E mais outros quantos são os cantos que outros tantos mestres nos deixaram para mostrar ao mundo tudo que pensaram sobre o que acontece na "passagem". É o que se passa na cabeça desses que desenvolvem a cadência certa entre as palavras e o coração fica posto em folhas - às vezes, amarela - para percebermos que o que não conseguimos dizer já fora dito. Em rimas, pedidos, sentenças, dor, fé... São feito lágrima: pedaços de sentimentos que saem do jeito que vemos o mundo.

E as palavras no livro poderiam ser tantas e de tantos outros, mas na da pétala seca lia-se Neruda.

Se eu morrer, sobrevive a mim com tamanha força  
que acordarás as fúrias do pálido e do frio,  
de sul a sul, ergue teus olhos indelével,  
de sol a sol sonha através de tua boca cantante,  
Não quero que tua risada ou teus passos hesitem,  
Não quero que minha herança de alegria morra,  
Não me chames. Estou ausente,  
Vive em minha ausência como em uma casa,  
A ausência é uma casa tão rápida  
que dentro passarás pelas paredes  
e pendurarás quadros no ar,  
A ausência é uma casa tão transparente  
que eu, morto, te verei, vivendo,  
e se sofrerés, meu amor, eu morreréi novamente.

Rodrigo Luiz Vianna  
subversos@gmail.com



O maior revolucionário do teatro brasileiro se auto-entitulava "o reacionário". Dono de opiniões polêmicas e frases incisivas, Nelson Rodrigues foi cronista, romancista, tradutor, entrevistador de TV, repórter policial e o dramaturgo mais lembrado do Brasil até hoje. Em meio a genialidade do criador, a morte como uma das fontes de inspiração.

## Polêmico, Obsessivo e Mórvido

Bruna Maia

brunamaiaca@gmail.com

Nelson Rodrigues nasceu em 1912, em Recife, mas logo se mudou para o Rio de Janeiro. Durante a infância, sua família de 12 irmãos viveu momentos de fartura e de miséria. O pai, Mário Rodrigues, foi jornalista de prestígio no jornal *Correio da Manhã* até o dia em que foi preso por publicar uma matéria que não agradou Epitácio Pessoa, presidente brasileiro na época. Depois de um ano preso, Mário abriu um jornal próprio, chamado *A Manhã*, onde Nelson Rodrigues começou a carreira jornalística dois anos depois, com apenas 15 anos.

### Jornalismo

Desde pequeno, o menino demonstrava talento literário e explorava, já nas suas redações infantis, o mundo do adultério. No jornal do pai, ele se tornou repórter de polícia. Dono de uma visão aguda e capaz de reconhecer a carga dramática dos acontecimentos cotidianos (e suburbanos), Nelson também sabia transpor esses dramas para o papel.

As reportagens policiais de Nelson Rodrigues eram muito próximas do que seria chamado de *new journalism*, ou jornalismo literário. Em sua reportagem havia mais do que a simples apuração de fatos. Havia a preocupação de contar uma história, de descrever e dissecar o comportamento humano daquelas pessoas reais que cometiam crimes, matavam e morriam. E eram os crimes de amor os que mais o interessavam. Pactos de morte entre jovens amantes, o homem ciumento que matava a mulher mesmo sem comprovar o adultério, a adúltera que acabava por morrer ao lado do amante deixando um marido amargurado ou suicida.

*"Dora assistira a morte da mãe. E o seu pequeno corpo ficara retransido de pavor (...) Aquela pobre menina, cândida, graciosa, constituiu um dos capítulos mais pungentes desse drama de amor. Quando o fotógrafo de Crítica bateu a chapa, Dora olhava para o retrato da pobre morta e perguntava: - mamãezinha, onde estais?"*

Reportagem policial publicada no jornal *Crítica*, em 19 de setembro de 1929

### Teatro

Apenas em 1941, aos 29 anos, Nelson Rodrigues escreveu sua primeira peça teatral - *A mulher sem pecado* -, que teve pouquíssima repercussão. A merecida glória viria, mais tarde, com a peça *Vestido de Noiva*.

Por causa da II Guerra Mundial, voltaram ao Brasil alguns jovens que tiveram a oportunidade de viver na Europa. Eles vivenciaram o teatro contemporâneo no Velho Mundo e se depararam com um país que ainda promovia um teatro antigo, com linguagem erudita.

Criou-se, então, o grupo Os Comediantes, que queria trazer a modernidade para os palcos brasileiros. Esse grupo se juntou a um diretor polonês que também fugia da guerra: Zbigniew Ziembinski. O país tinha um

grupo interessado na vanguarda, mas faltava um autor que, como o teatro moderno exigia, fosse brasileiro e falasse a língua daqueles a quem se destinava.

Eles descobriram Nelson, que mostrou a complicada trama de *Vestido de Noiva*. Era uma peça em três planos: presente, passado e delírio. Ziembinski se impressionou com o texto e o encenou. A estréia ocorreu em 28 de dezembro de 1943. Segundo Luiz Paulo Vasconcellos, diretor e professor de teatro do Teatro Escola de Porto Alegre (Tepa), a data foi marcante para a história da dramaturgia brasileira. "Dezembro de 1943 foi o marco do moderno teatro brasileiro. Ziembinski, com toda sua experiência impressionista, dirigiu uma peça como nunca o Brasil tinha visto", afirma.

Não foi apenas a narrativa fragmentada ou os temas abordados que revolucionaram o teatro no Brasil. "Foi o primeiro que falou brasileiro no palco. Até então se tentava falar uma linguagem erudita. Ele propôs que se ouvisse o português do Brasil e não o de Portugal. Os brasileiros passaram a se reconhecer nas peças e ele criou linguagem literária a partir da linguagem oral", diz Vasconcellos.

A classe A interessava pouco a Nelson. Ele mergulhou fundo no subúrbio. As expressões batata, canalha, pequena e o uso do "você" misturado ao "tu" fluíam com uma naturalidade nunca vista. Mais do que isso, Nelson retomava em suas peças as vizinhas gordas, as mocinhas atrevidas, os namorados apaixonados e as crises de ciúmes que vira em sua infância. "Ele estava preocupado em retratar uma relação social menos censurada. Uma classe mais alta tem uma polidez que não lhe convinha. Os personagens de Nelson não têm superego. Partem do pensamento para ação sem nenhuma censura", diz Vasconcellos. A elite, quando entrava em cena, era sempre prisioneira de uma falsa moral, de um comportamento perverso, o qual tentava encobrir a qualquer custo.



## Morte

*“Herculano, aqui quem te fala é uma morta.”*

Trecho da peça *Toda nudez será castigada*.

Foi uma morte, ocorrida em 1929, que marcou definitivamente a vida de Nelson Rodrigues e refletiu em tudo que ele produziu: a morte de seu irmão, Roberto Rodrigues, na redação do jornal *Crítica*. Sylvia Thibau, uma mulher da alta sociedade, entrou no local, enfurecida pela notícia de seu desquite, que ocupara a primeira página do jornal dias antes. Pediu para falar com o dono do jornal, Mário Rodrigues, que não se encontrava. Dirigiu-se então ao filho, Roberto Rodrigues, e deu-lhe um tiro no estômago. Nelson viu tudo. Seu pai viria a falecer cerca de dois meses depois, de complicações recorrentes de uma trombose cerebral.

*“Eu compreendo tanto os que não matam.  
Gostaria de explicar. Quando matam alguém é como  
se Roberto estivesse morrendo outra vez.”*

Frase publicada no jornal *O Globo*, em 17 de junho de 1968.

A grande tragédia da vida do garoto de 17 anos acontecera. Anunciava-se, a partir daí, uma das maiores obsessões daquele que ficou conhecido como “a flor de obsessão”: a morte. Presente em todas as suas peças, sendo por vezes o tema central, como em *A Falecida*, a morte espreita os personagens de Nelson Rodrigues.

*“Vai nascer uma ferida no meu seio. Depois da  
minha morte, você viaja.”*

Trecho da peça *Toda Nudez será Castigada*.

O anúncio acima é feito pela personagem Geni. A dimensão transcendental não importa aos personagens. A morte interessa enquanto reflete na vida. “[Nas obras do Nelson] a morte é o grande medo, o grande risco, a grande possibilidade. As questões morais afloram diante dela e é diante da possibilidade da morte que as pessoas se avaliam”, explica Luiz Paulo Vasconcellos.

*“E quando algum imprudente queria oferecer-  
lhe um lenço, a viúva tinha repelões selvagens.  
Parecia-lhe que o simples fato de assoar-se seria uma  
desfeita ao marido morto”*

Publicada no jornal *O Globo*, em 11 de dezembro de 1967.

Nas crônicas é que o lado humanista de Nelson Rodrigues aparece com mais força. O mesmo autor que se mostra emocionado com a viúva que chora pela morte do homem que amava, se mostra contra qualquer tipo de violência e assassinato – seja um assassinato simbólico ou real. O autor nunca cessou de criticar a Revolução Russa, porque acreditava que ela era assassina. Nelson era também mordaz com os revolucionários brasileiros que saíam às ruas com cartazes escrito “Muerte”. Por causa dessas e de outras opiniões, passou muito tempo sendo visto como um reacionário que defendia a ditadura – coisa que nunca fez. Essencialmente polêmico, Nelson Rodrigues via a morte como definidora de caráter: admirando quem chorava por ela e desprezando quem a defendia.





# OBCECADOS PELA MORTE

José Antônio Leal

jose.antonio.leal@gmail.com

A insensibilidade extrema, aliada à crueldade e à violência, talvez tenha colaborado para tornar o assassino em série o tipo de criminoso mais abordado pelo cinema e pela literatura policial. Obras cultuadas como o tenso filme *Psicose* (1960), de Hitchcock, ou o agressivo *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), de Marcus Nispel, tiveram como inspiração o emblemático caso de Edward Gein, por exemplo. Na década de 50, o americano foi descoberto como um assassino que colecionava partes dos corpos de suas vítimas. A cultura pop aborda, mas não tenta responder: afinal, o que move, se é que uma explicação racional é possível, os impulsos de um serial killer?

A definição de um assassino em série ainda não é ponto pacífico, mas a origem do termo, criada durante os anos 70 pelo ex-agente do FBI Robert Ressler, já definia este tipo especial de criminoso como aquele que cometia três ou mais homicídios em diferentes momentos, sempre dirigido a um mesmo perfil de vítima.

Escolhendo ao acaso dentro do perfil pretendido, o serial killer busca satisfação psicológica – sua vontade de morte é motivada por alguma fantasia com o tipo atacado. Ilana Casoy, autora que se dedica ao estudo de crimes violentos e assassinatos em série, constantemente auxilia a polícia de São Paulo na elaboração de perfis criminosos. Em sua obra *Serial Killer: Louco ou Cruel?*, ela afirma que esse tipo de assassino é enquadrado pela polícia em quatro grandes categorias: o visionário, o emotivo, o missionário e o libertino.

## O VISIONÁRIO

O assassino sofre de um grave distúrbio psíquico, tendo alucinações ou ouvindo vozes que o estimulam a seguir um comportamento violento. Um caso possível foi o de Herbert Mullin, californiano que nos anos 70 foi responsável por 13 mortes. Ele afirmava que seu pai o instruíra, através de mensagens telepáticas, a cometer vários assassinatos para evitar que um terremoto atingisse o estado americano da Califórnia. Apesar de ter sido internado, quando jovem, em várias instituições psiquiátricas, não pôde alegar insanidade em seu julgamento porque alguns dos seus crimes apresentavam resquícios de premeditação.

## O EMOTIVO

O criminoso tem prazer e se diverte com o ato de matar através de meios cruéis. Lucian Staniak, o polonês que mutilou e assassinou 20 mulheres entre 1964 e 1967, foi batizado pela mídia como o “Aranha Vermelha”, pois enviava para os jornais e para a polícia correspondências escritas em tinta vermelha. Suas palavras tinham sempre um tom poético. Na primeira das cartas, enviada para a editora de um jornal de Varsóvia, o criminoso avisa: “não existe felicidade sem lágrimas, nem vida sem morte. Cuidado! Eu irei fazer você chorar”.

## O MISSIONÁRIO

É motivado a matar por razões de ordem moral, pensando que ao cometer os crimes estará fazendo um favor à sociedade. O clássico caso de Jack, o Estripador, pode ser encaixado nesta categoria. O assassino matou várias prostitutas no bairro londrino de Whitechapel, em um mistério que, desde o final do século XIX, continua sem solução.

Outro caso possível é de Jack Kevorkian, o “Doutor Morte”, suspeito de colaborar com o suicídio de mais de 100 pessoas em estado terminal. Foi condenado em 1998, mas defende que suas atitudes não são imorais porque “morrer não é um crime”.

## O LIBERTINO

Em busca de satisfação sexual, o assassino não hesita em explorar suas vítimas. Particularmente chocante é o caso do nobre francês Gilles de Rais, um dos primeiros registrados na história. No século XV, o criminoso sodomizou e matou mais de 130 garotos. O herói de guerra sentia especial prazer em ver os corpos dos meninos serem dilacerados por seus servos. Acabou enforcado por seus crimes, sendo poupado da fogueira por sua condição de barão.

*Meu pai e meu sogro estavam internados. Certo dia, cheguei em casa, comi, deitei no sofá, me cobri com um cobertor e cochilei. Sonhei que estava num corredor e no fim, meio longe, a uma distância de mais ou menos 4 metros, via a imagem do médico que estava tratando do meu sogro, de braços cruzados, camisa vermelha, me dizendo: 'Sílvia, tu sabes, né? Que teu pai não passa de hoje...'. Acordei assustada, minha secretária estava ao meu lado, enquanto contava a ela do sonho, o telefone tocou. Era o médico que tratava do meu pai, contei a ele do sonho, ele disse: 'Fica tranquila, não te preocupes, telefonei para comunicar que foi decidido que amanhã faremos o procedimento terapêutico'. Me tranquilizei, fui ao hospital vê-lo, passei a tarde lá. Ele me liberou, mandou voltar pra casa, cuidar dos meus filhos. Percebi seu olhar um pouco fosco, sem brilho, mas achei que fosse de tristeza, de preocupação com a doença. Na hora de sair, me despedi e quando eu estava saindo, ele me puxou pelo braço e se despediu novamente. Naquela noite ele faleceu. Hoje eu costumo utilizar a experiência do olho fosco nas minhas avaliações de risco. Além das avaliações normais, procuro verificar a condição do olhar.*

*Ele era uma pessoa cética, mas curiosa. Pesquisava por conta própria espiritismo e parapsicologia, sem chegar a nenhuma conclusão. Estava com ele quando minha avó materna faleceu e o fundo do copo em que ele bebia se rompeu e caiu.*

*Logo após a partida do meu pai, meu filho caçula, à época com um ano e sete meses, costumava dizer que 'o vó tá lá na sala'. Certa vez estava em Ipanema com minha família, lembrando do meu pai. Meus filhos estavam brincando na água, quando aparece um menininho com flores, pára diante deles, pergunta os seus nomes e dá uma flor ao mais novo. Ele se volta e traz a flor pra mim. Meu marido, ao ver, fala para o menino: 'Não, não quero comprar flor!'. O menino respondeu: 'Mas não estou vendendo, estou dando'. Tive a sensação plena de que foi meu pai que me mandou. Comentei com meu marido, que disse: 'As pessoas acreditam no que querem acreditar'. Respondi que 'achava estranho que exatamente no momento em que estava triste, com saudades do meu pai e falando nele, recebo do nada uma flor do filho que na última semana dizia que via o avô'.*

**Sílvia Maria Barreto Vianna Rigon, médica, cristã**

*Estava andando sozinho de moto, na preferencial. Próximo a um cruzamento, avistei na rua à minha direita um veículo que parou na placa 'Pare'. Neste exato momento, ouvi uma voz conhecida que me falou para parar a motocicleta porque o veículo que estava à minha frente não iria parar. Ato contínuo, pensei: 'Que intuição mais estranha!'. Nisso já estava passando o cruzamento, em frente ao veículo, quando este arranco e bateu na moto, causando um acidente. Provavelmente, ele esqueceu-se de olhar à sua esquerda. Um mês depois, quando voltava da oficina com a moto, parei em um sinal vermelho. Só estava eu naquela pista. Quando olhei no retrovisor, vi que atrás de mim vinha um caminhão se aproximando. Foi quando a mesma voz conhecida falou comigo e me disse: 'Tira essa moto daí porque ele não vai parar!'. Neste momento, torci o guidom para a direita e arranquei rapidamente para o acostamento. Foi o tempo de eu desviar, o caminhão passou na pista onde eu estava, cruzando o sinal vermelho. O motorista tentava parar mas não conseguia porque o compressor de ar do freio estava vazando.*

**Rodrigo Pozebon, advogado, espiritualista**

*Ensaiávamos uma peça teatral no auditório do colégio, quando resolvemos fazer a brincadeira do copo. Nos reunimos em torno de uma mesa, que era usada como cenário, e iniciamos uma concentração. Ficamos nisso um tempão, fizemos perguntas, mas nada aconteceu. Resolvemos fazer uma 'provocação': 'Tem alguém aí? Se houver alguém aí que se manifeste!'. Neste momento, ouvimos um estrondo. O jogo de luzes do auditório, composto por oito lâmpadas, que tinha como suporte uma placa de metal, começou imediatamente a balançar em um movimento de vai-e-vem. Em seguida, as lâmpadas, uma a uma, explodiram. Posteriormente, fomos chamados à diretoria. Perguntaram o que fizemos naquele dia, pois todo o sistema elétrico do auditório estava comprometido após o nosso ensaio. Na estréia da peça, novamente um dos refletores, que ficava à direita do palco, estourou durante uma das cenas, causando um princípio de incêndio nas cortinas.*

**Jairo Angelo Grisa, publicitário, agnóstico**

Não são poucas as pessoas que relatam a ocorrência, em algum momento da vida, de um fato insólito. São fenômenos como intuições, coincidências incríveis, sonhos que se tornam reais, imagens e sons que aparecem e desaparecem do nada e objetos que se movem, se quebram ou pegam fogo sozinhos. Manifestações do além?

Estes fenômenos, que sempre foram vistos com ceticismo ou sob um olhar mágico, sobrenatural, há pouco mais de 150 anos vêm sendo catalogados e estudados com ares mais científicos. Basicamente, existem duas linhas de pesquisa nesta área. Uma delas, materialista, defende que os acontecimentos são gerados exclusivamente pelo poder mental dos seres humanos vivos. É seguida pela parapsicologia russa e por parte dos parapsicólogos europeus e tem como um de seus mais notórios representantes o padre Oscar Quevedo. A outra, que tem como exemplos a corrente da parapsicologia liderada pelo pesquisador Joseph Banks Rhine e o espiritismo kardecista, é espiritualista. Propõe a existência de um mundo extra-material, que está em constante interação com o nosso mundo físico. É para onde iremos, como espíritos, após nossa morte ou desencarnação.

As teorias espiritualistas trabalham com a ideia de que os fenômenos podem tanto partir do mundo físico, quando recebem a denominação "anímicos",

ou do espiritual, caso em que são chamados de "mediúnicos". Segundo o professor universitário e pesquisador Cícero Marcos Teixeira, espírita kardecista, mediunidade é "a capacidade de intermediar a comunicação entre o mundo espiritual, ou extra-físico, e o mundo dos encarnados no plano físico". O médium funciona como um canal entre os dois lados. Pode ser clarividente, quando vê espíritos, ou clariaudiente, quando ouve suas vozes. Pode também mover objetos (telecinesia), captar o pensamento dos espíritos (telepatia) e transformar em uma mensagem escrita (psicografia) ou falada (psicofonia). Um dos mais completos médiuns que se tem notícia é Francisco Cândido Xavier, falecido em 2002, referência para os espiritualistas tanto por seus dons como por sua conduta pessoal. É muito raro uma pessoa reunir tantas faculdades. "Geralmente, no início da manifestação fenomênica, parece que a pessoa vai ter todos os tipos de mediunidade. Mas prevalece aquela que mais especificamente corresponde ao biótipo da pessoa, ao tipo biológico e ao tipo consciencial", expõe Cícero.

Mas os médiuns não estão apenas nos centros espíritas. Segundo o espiritualismo, todas as pessoas o são, em maior ou menor grau, embora muitas não tenham consciência disto. O contato com o outro lado dá-se principalmente através do pensamento. "Quando você pensa em um ente querido desencarnado, seu

pensamento transcende o espaço e vai até ele, que entra telepaticamente em contato, principalmente durante o sono físico", explica o professor. Para os espiritualistas, durante o sono o espírito humano consegue desprender-se do corpo e viver o mundo espiritual, entrando em contato com parentes e amigos desencarnados. Alguns sonhos podem ser *flashes* destas experiências. A presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), Gladis Pedersen de Oliveira, esclarece que "a maior parte é sonho mesmo, vem lá do inconsciente. Outras vezes realmente são vivências. Mas quando retornamos ao corpo físico, a memória espiritual fica bloqueada, raramente a pessoa lembra de uma cena concreta".

As pesquisas sobre fenômenos que fogem do que se convencionou chamar de "normalidade" seguem evoluindo e ganhando adeptos. Porém, por mais que os fatos sejam examinados com seriedade e por mais que as duas linhas acumulem evidências, a existência ou não do "além" segue intrigando a humanidade e continua sendo uma questão de crença pessoal. Como para os gêmeos no útero da mãe, em uma antiga campanha publicitária: um pergunta ao outro se acredita em vida após o parto e o outro responde "Não sei, até hoje ninguém voltou para confirmar...". A resposta definitiva ainda está por ser dada.



# San Juan cuatro días